

# O MOMENTO feminino

SEXTA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1947  
CR\$ 1,00 ★ ANO I ★ N.º 4

UM JORNAL PARA O SEU LAR



AS MULHERES TAMBÉM DESCEM DO MORRO QUANDO CHEGAM OS BARCOS DA PESCA. HILDA CAMPOFIORITO FIXOU  
EM DIAGRAMA EM JURUUBA: ALGUNS PEIXES PARA OS LARES DOS PESCADORES

# Nossos Problemas

ARCELINA MOCHEL

Vem sempre sofrendo o nosso povo. Vem sempre reclamando as mulheres, clamando justiça pelo respeito aos seus direitos. Mas os problemas crescem progressivamente e as soluções se restringem permanentemente.

Essa a razão de nossa luta contínua, que um dia nos levará à vitória, na grande batalha das mulheres organizadas.

Surge agora a calamidade dos despejos de famílias do Jockey Club, distarçada em mudança justificável, para acabar com as favelas do coração da zona sul.

Lá se vão abaixo os miseráveis barracos daquela gente pobre, já tão miserável, tão humilhada, tida pela incompreensão de muitos como um verdadeira quisto social.

Quinhentas famílias apavoradas, acordadas na manhã chuvosa do dia 12 pela ordem de mudança imediata, só tiveram em seu socorro o mau tempo, que impossibilitou a consumação do fato. Seriam levadas para São Cristóvão, aquelas mulheres doentes, subnutridas e mal agasalhadas, as crianças mirradas, analfabetas, descalças, desprotegidas ao frio, de olhos muito abertos, sentindo na sua ingenuidade infantil o pavor daquela medida.

Como deixar ao relento tanta gente, que, atal de contas, ainda metia sua cabeça debaixo de um barraco de zinco, de latas ou de táboas velhas?

E' verdade que não somos apologistas dos casões sem conforto, para o povo morar, mesmo porque quando se respeita um povo, tudo se faz pelo seu bem estar e sua felicidade. Mas de maneira alguma, podemos nos acomodar com essa injustiça de desabrigar a quem tem um abrigo, sem lhe assegurar moradia certa.

Diz-se que a mudança é lenta e com localização definitiva. Não é verdade. O que se vê são os despejos em massa, sem proteção a ninguém, sem segurança alguma.

A verdade é que, em São Cristóvão, à rua Bela, existe apenas um barracão para 36 famílias sem o menor conforto, sem piso batido sequer, escuro, uns com dois cômodos, outros com um apenas, apertados por um corredor estreito, onde duas pessoas juntas se tocam.

Para ai foram transportadas as primeiras 36 famílias, com crianças doentes, mulheres chorando, seus móveis jogados à terra húmida e os pedaços dos seus antigos barracos jogados para outros rumos.

Os chefes da comédia, levantam promessas: terão lotes de terra para suas casas; a Prefeitura ajudará as construções; haverá chuveiro, luz, saneamento, etc., etc.

Os olhos espantados das mulheres dançam lacrimejantes, acompanhando aquelas afirmativas. No íntimo, sabem que tudo é falso. Aquilo, apenas, seria uma favela que saía de um lugar para outro para simples ampliação do espaço vital do Jockey Club; uma nova favela distante dos olhos dos turistas, embora continui o sofrimento do povo.

Mas, de onde essas famílias transportadas vão tirar madeira, telhas, cimento, para as novas casas? Há interesse real em abrigar condignamente os moradores das favelas, ou, apenas se altera a localização?

Eis o problema, queridas amigas. O Distrito Federal está em crise de habitação,

entretanto, a solução não está em destruições, sem precedência de construções.

Seríamos injustas, nós, mulheres, e até mesmo deshumanas, se nos conformássemos com tais medidas.

Solidárias às famílias do Jockey Club, lutamos com elas, pela segurança de seus lares.

Nenhuma mulher pode cruzar os braços ante tão monstruoso espetáculo.

Se lutamos por democracia, é porque sabemos que democracia é segurança.

Ampliemos pois, minhas amigas, nossa união, apliquemos nosso espírito de solidariedade a todos os problemas das mulheres e nos ajudaremos mutuamente.

As autoridades sentirão nossa reação, através medidas justas que aplicarmos, consistentes em apêlos e protestos às Câmaras, afim de garantirem teto para todos e que não sejam demolidos barracos, sem construir antes outras casas. Construções modestas, mas condignas.

A mudança já é hoje um fato consumado. E graças à presença de Vereadores e Deputados, à hora do deslocamento das famílias, tiveram de voltar atrás todas as medidas arbitrárias, preparadas para essa consumação.

Mas, temos de unir esforços, para que todas as mulheres que moram nas favelas, sintam o nosso apoio moral e material aos seus sofrimentos, garantindo-lhes que a nossa força organizada será capaz de lhes assegurar melhores condições de vida e mais justiça para a solução dos seus problemas.

Precisamos fazer renascer a alegria no lar brasileiro e a nós cumpre efetivar essa tarefa.

## A mulher no parlamento da cidade

É constante o trabalho das representantes do povo carioca no Legislativo Municipal. Nenhum problema coletivo deixa de lhes despertar especial interesse, procurando dar aos mesmos providências solucionadoras. O microfone da Câmara irradia a voz feminina na justa defesa dos interesses populares.

Sem contar com os apêlos, pareceres em Comissões, o grande número de memoriais recebidos e insertos em ata, as nossas Vereadoras apresentaram nesta semana as seguintes atividades:

ARCELINA MOCHEL

Discurso sobre os despejos e amparo às famílias despejadas.

Indicação n.º 306 — Concessão de matrícula mixta para o Ginásio Benjamin Constant.

Indicação n.º 337 — Iluminação para a rua 21, em Vigário Geral.

Indicação n.º 338 — venda de leite em caminhão para Vigário Geral.

Apêlo — Professora substituta para a Escola Catulo Cearense, no lugar da titular licenciada.

Indicação n.º 344 — Sobre a reestruturação dos quadros de maquinistas e eletricistas do Teatro Municipal.

Declaração de Voto — pelo jubileu da Federação pelo Progresso Feminino.

LYGIA MARIA LESSA BASTOS

Indicação 300 — Nome de Teixeira Mendes a um logradouro da capital.

Indicação n.º 314 — efetivação de diretoras nos cargos com estágio a terminar.

Defesa oral sobre requerimentos em branco.

Indicação n.º 345 — Sobre pagamento da diferença do aumento de vencimentos das professoras.

Indicação n.º 362 — Pedindo atenção ao Presidente da República sobre um documento do Sindicato dos Empregados em Casas de Diversões.

ODILA SCHMIET

Discurso sobre folgas semanais remuneradas.

SAGRAMOR DE SCUVERO

Indicação 304 — melhoramentos para os Parques Proletários.

Voto de pesar — Caso do S. A. M.

Indicação n.º 325 — Situação do Hospital de Baugü.

Indicação n.º 324 — Professoras diplomadas para os Parques.

Projeto n.º 115 — Crèches e salários nas fábricas.

Indicação n.º 402 — Entendimentos entre o D.A.S. e os Escoteiros Barão de Mauá.

Requerimento n.º 925 — Sobre internação de menores abandonados e qual o critério obedecido na seleção de candidatos.

Requerimento n.º 933 — Sobre instituições filantrópicas que recebem subvenção da Prefeitura.



## MUNDO DE HOJE

ENEIDA



A União das Mulheres Francesas realizou de 25 a 28 de maio a chamada Jornada Nacional (2.º Congresso). Mais de 2.500 delegadas compareceram a essa reunião, vindas de todos os pontos da França, dos departamentos de ultramar, Guadalupe e Martinica, assim como convidadas da Argélia, Tunís, Marrocos, África Equatorial Francesa, Viet Nam. Num ambiente de fraternidade e compreensão realizaram-se os trabalhos e foram estudadas soluções para os problemas que interessam a todas as mulheres mães, trabalhadoras, domésticas, etc.

Foram examinadas as seguintes questões: — o abastecimento e a carestia de vida; a defesa dos direitos da família; o papel das eleições municipais, a defesa da paz e da democracia.

Em nome desse Congresso, a União das Mulheres Francesas enviou às mulheres espanholas e às gregas, a seguinte mensagem:

"Queridas amigas: Unidas com vocês no seio da Federação Democrática Internacional de Mulheres, dirigimos-lhes nossas mais afetuosas saudações.

Nosso pensamento vai inicialmente a vocês, mães e esposas que sofrem e lutam em defesa da liberdade em diversos pontos do globo. Queremos unificar essa

força imensa que representamos no mundo inteiro para liquidar tudo o que ameaça a paz!

Queremos unidas exigir que a energia atômica não sirva nunca para semear a morte e sim para embelezar a vida.

Queremos exigir, unidas que a D. F. I. M. possa ser ouvida pela ONU com uma autoridade cada vez maior, representando a voz dos 80 milhões de mulheres a ela filiadas.

Queremos juntas assegurar a felicidade de nossos lares e preparar para nossos filhos o futuro que cada uma de nós sonha para eles.

O nome de mais uma das vítimas do fascismo internacional: GULA MITROPULU, jovem professora grega executada em 27 de maio de Kozani, enfrentou o pelotão de fuzilamento cantando o hino "Para frente, por uma Grécia livre", canção dos guerrilheiros gregos.

Com que comovida emoção se lê o pequenino Boletim da Associação Feminina Portuguesa pela Paz, editado em Lisboa, sob a direção de Maria Helena Lucas e Maria Trigo de Souza. Por ele se vê o grau de entusiasmo, de dedicação e de alegria construtiva das mulheres que, mesmo sob o regime do chicote salazarístico, conseguiram manter viva a chama da liberdade e da justiça social.

tinuam a manter a bandeira da Paz desfraldada pelo mundo e que as forças do mal querem a todo custo fazer desaparecer. Nossas irmãs portuguesas realizam trabalho de alfabetização, visitam hospitais, organizam "tardees infantis", exposições de livros, exposições de brinquedos e muitas outras atividades, ao mesmo tempo que discutem os problemas imediatos da mulher: socorro às parturientes, socorro à maternidade, proteção às mães e aos filhos, etc.

As mulheres búlgaras trabalham ativamente para a execução do plano biennial econômico de seu país. Na indústria têxtil, por exemplo, a participação das mulheres é preponderante; o número de operárias chega a 34.000. Elas organizam e dirigem brigadas de produção. A emulação industrial é muito grande entre as mulheres. Lemos no jornal "Bulgária Nova" do dia 23 de junho que Marika Stephanova, Maroussia Todorova e Sava Michailova trabalham cada uma em 12 teares e outras encontraram um novo método de repartição de tarefas que permite a um grupo de 60 pessoas fazer funcionar 120 teares. Essa intensa atividade é devido à iniciativa exponencial e o progresso técnico, honram a mulher búlgara e são uma promessa de

prosperidade para o país e para o mundo inteiro.

E agora pequeninas notícias de vários países:

Em Montgomery, Alabama, nos Estados Unidos, uma mulher negra, sra. Mac Millon, mãe de 8 filhos, foi brutalmente agredida dentro de sua casa por 6 brancos que penetraram em sua casa durante a noite.

Não precisamos dizer que seus agressores foram declarados "inocentes" pelo tribunal local.

Na Inglaterra, pela primeira vez, a Sociedade Real de Astronomia que conta com 116 anos de existência, elegeu uma mulher para sua vice-presidente. É a dra. Madge Adam, de 35 anos, que fez estudos sobre o espectro solar.

Também pela primeira vez uma outra mulher, sra. Helena Normantou, foi nomeada membro do Grande Conselho do Colégio de Advogados ingleses.

Na Itália a porcentagem de mulheres na indústria têxtil é de 80%. As mulheres italianas lutam hoje por igualdade de salário para trabalho igual. Na România uma estatística sobre o trabalho feminino diz que de 8.411.900 mulheres existentes no país, 374.188 trabalham e des-sas, 3.829.602 o fazem na agricultura.

MOMENTO Feminino

DIRETORA: ARCELINA MOCHEL

Redação e Administração:

RUA DO LAVRADIO, 55 — Sala 11

Caixa Postal 2013 — Rio de Janeiro

Annuaio avulso: Cr\$ 1,00 — atrasado: Cr\$ 2,00

A S S I N A T U R A S

3 meses ..... Cr\$ 10,00

6 meses ..... Cr\$ 22,00

12 meses ..... Cr\$ 40,00

Com sua estrêla na testa, a mão no gatilho, audacioso e certo, João Mariano partiu. Em lugares onde houvesse dinheiro, procuraria dinheiro, que homem sem dinheiro perde até mesmo o nome de família. E regressaria como seu pai regressara do Amazonas, com charutos nos bolsos e cédulas de quinhentos mil réis para acendê-los.

Sou forte, sou corajoso,  
Sou duro, sou valentão,  
Como a onça no inverno  
E a carcavel no verão...

Como a onça no inverno e a carcavel no verão... Dez anos no máximo, e estaria novamente no Ceará, com as graças de Deus. Cearense é cearense!

E ei-lo de volta sem que o Rio o tivesse modificado. Fizera-se mais polido tanto quanto possível em quatro anos de contínua atividade nas ruas da metrópole, a gritar bilhetes de loteria, a passar seguros de vida, e, finalmente, a vender ações de uma companhia de grandes hotéis.

Não viera acendendo charutos com cédulas de quinhentos mil réis, mas regressara fumando charutos, a inteligência mais desenvolvida e os olhos mais abertos. Enfim, na terra de cegos, enxergava bastante. E um dia percebeu sua grande oportunidade.

Havia numa fazenda próxima certo homem feroz, chamado Alberico, cuja máxima preocupação durante toda a existência fora a herança de ódio que recebera contra certo homem também feroz, chamado Manuel Leitão. Vizinhos silenciosos e desconfiados, como convém a dois inimigos de sangue e fogo, eram incapazes de uma ameaça que não pudessem cumprir imediatamente. Se um deles houvesse sensatamente procurado sítio distante, talvez a inimizade se retrairse, talvez o ódio perdesse o caráter mortal, mas isso não seria possível: a saída de um significaria a vitória do outro.

João Mariano desejava possuir um carnaubal, mas faltava-lhe dinheiro para tanto. E de repente a ocasião se lhe entremostrou, a princípio difusa, depois violenta como a emoção de quem mata por covardia.

Manuel Leitão fizera um negócio desastroso de mamona, os credores perseguiram-no, soluções urgentes deviam ser encontradas a qualquer preço, e, por isso, expunha à venda o seu carnaubal dos Inhamuns por sessenta contos. João Mariano aceitou o negócio, tendo apenas a décima parte do dinheiro, com a condição de que Manuel Leitão lhe passasse a escritura como se tivesse vendido o carnaubal apenas por dez contos de réis. Para acalmar a desconfiança do matuto, explicou que não queria pagar "ao ladrão do governo" um imposto absurdo. Negócio feito, escritura passada, dera-lhe Manuel Leitão o prazo de um mês para entregar-lhe o dinheiro. Vendendo tudo o que possuía, e ainda aproveitando todo o seu crédito no Banco do Brasil, não teria dinheiro suficiente.

Aconteceu então que viu na inimizade de Alberico e Manuel Leitão o meio pelo qual alcançaria seu objetivo.

Embora João Mariano estivesse muito estanciado da Igreja, temia a Deus e evitava o pecado mortal. Na verdade, até aquele momento não passara de pecados veniais, de

# JOÃO MARIANO

MELO LIMA



pequenos furtos como o de classificar uma pele de primeira como de segunda, de vender muito mais caro o que comprava muito mais barato. Enfim, convenientemente julgados, nem seriam pecados veniais, uma vez que todos os comerciantes da cidade, e os do mundo inteiro, compravam mais barato para vender mais caro. Os impostos cresciam, as dificuldades de vida aumentavam. De que iam viver os filhos se os pais não fossem espertos?

Mas, diante do que pensara como solução do seu negócio, esmoreceu a princípio, pensou em castigos eternos, viu o anjo da guarda contorcer-se numa angústia inconfundível, e recuou.

A tarde, quando os morcegos fogem ao toque do sino, os comerciantes regressam a larés e as beatas procuram o Senhor. João Mariano visitou o vigário. Concordou com a maldição que deveria cair sobre os que, possuídos do demônio, andavam a exaltar na cidade o liberalismo ateu e a tolerar positivistas e maçons. Ofertou cem mil réis para os pobres de S. Vicente, aliviou assim a consciência e deixou que a idéia se transformasse em plano.

No dia seguinte mandou chamar Alberico:

— Escute, Alberico...

Olhou para os lados, mostrou-se cheio de receios, disse que as paredes tinham ouvidos, e levou-o para os fundos do armazém.

Nos fundos, nos ombros de Alberico num de amizade e proteção, e suavizando a voz, perguntou:

— Somos ou não somos amigos?

Alberico baixou a cabeça, humedeceu a desconfiança, demorou a responder:

— Homem, é uma pergunta difícil, quero dizer... até agora não tenho motivos para me queixar da nossa amizade.

— Alberico, eu lhe fiz a pergunta de propósito. Quem era amigo de meu pai é meu amigo também. É uma dívida da minha parte. Sou seu amigo.

O velho comoveu-se, o duro coração estemperou-se, observou pela primeira vez que João Mariano filho se parecia com João Mariano pai. E apertou-lhe no braço, abriu-se todo:

— Está precisando de dinheiro, meu filho? Muito não tenho, que a vida é só matapasto, mas para remediar...

— Não estou precisando de dinheiro, Alberico. Muito obrigado. Mandei chamá-lo para lhe prestar um favor de amigo. Soube de uma história que andaram contando por aí, e como não quero ver o meu corpo passar numa rede, hoje ou amanhã, pingando sangue...

— Foi ele? — estremeceu a casa velha sob o estalo da linha mestra.

João Mariano confirmou com a cabeça, sem acrescentar uma palavra, ensaiando porém um ar penalizado de quem assiste

a um entêro por obrigação. Como o velho não insistisse em querer saber o que de grave lhe estava reservado, João Mariano pediu-lhe encarecidamente que mantivesse absoluto segredo sobre o encontro.

— Quem era amigo de meu pai é meu amigo também. Por isso lhe dei o aviso. Mas, você sabe, ando em negócios com aquele peste...

Ficou sua tristeza a marcar um dia penoso, que passou a ser na sua vida como uma dessas cruces plantadas na curva de um caminho, onde passa a lamentar um crime e a assinalar o próprio caminho. Tanto era o ódio de Alberico para com o inimigo que nem pedira esclarecimentos. Só a leve referência à imagem de Manuel Leitão lhe bastara: a pólvora não necessita de chama para explodir.

No dia seguinte, estava João Mariano sentado à porta do armazém quando Manuel Leitão se aproximou a cavalo. Galopava. E sem apeiar, gritou:

— João Mariano, quantos contos tem no cofre?

— Ainda não inteirei o dinheiro que lhe devo.

— Depressa! Quantos contos tem agora mesmo?

— Uns dez.

Manuel Leitão atirou-lhe a escritura amarrada com palha de milho:

— Tome a escritura, passe para cá os dez contos, e fique com o carnaubal. Vamos depressa!

Outro teria perguntado a razão de semelhante loucura e pressa, mas João Mariano tinha senso de oportunidade e fareja de índio.

Depois de receber o dinheiro, que não se preocupou em contar, Manuel Leitão disse adeus para sempre e partiu a galope.

E assim, não como planejara, mas exatamente como queria, se tornou proprietário de um carnaubal cuja renda, naquele mesmo ano, subiria a quatrocentos contos líquidos.

Alberico não matara Manuel Leitão. Manuel Leitão matara Alberico.

Curiosas as reações morais que lhe aderiram nos dias que precederam à posse da fortuna imprevista. Para que isentar-se de culpa se ele já sabia de antemão os seus pensamentos mais recônditos?

Enfrentara a cólera divina, evidentemente um castigo de proporções medonhas: ele estava destinado. Sacrificara seu anjo da guarda, àquela hora sofrendo horrores por sua culpa, nas chamas do inferno.

Analisou os acontecimentos desde o dia em que havia criado a idéia. O plano realizara-se tão rigorosamente, que Manuel Leitão e Alberico se lhe apresentaram como titêres movidos pelas próprias mãos de diabo.

Passou a noite seguinte nos suplicios de um pesadelo. E' que, no íntimo do coração, ainda queria salvar a fé que o catecismo lhe condicionara na infância. Mas, como o castigo não veio, a consciência tranquilizou-se, e a noite seguinte encontrou um João Mariano de capa-e-espada, a farejar mulheres noturnas.

Este era o retrato de João Mariano pai de Daniel, na mesma idade em que o filho sonha simplesmente em ser poeta.

## Reavivando sua memória

Nossas leitoras por certo não desconhecem a história do "Caso Dreyfus", o tremendo erro judiciário que abalou a França, a Europa, e, podemos dizer, o mundo inteiro, entre o fim do século passado e o começo do século atual. Por certo, sabem o que foi o martírio desse inocente Capitão Alfred Dreyfus, condenado por crime de alta traição, cometido por outro, pelo miserável Esterhazy, e explorado infamemente por oficiais de alta patente, conhecidos, na maioria, por seus sentimentos anti-semitas (Dreyfus era judeu). Condenado, degradado publicamente diante da multidão que o insultava aos gritos, exilado para a Ilha do Diabo, acorrentado pelos pés, privado longo tempo de receber e mandar notícias à sua família, Alfred Dreyfus a tudo resistiu, querendo desesperadamente viver até o dia de sua reabilitação, confiando em que chegaria o instante em que seria finalmente conhecida a verdade e proclamada sua inocência. Sua admirável e jovem

esposa, Lúcia, nem um só momento fraquejou na confiança que lhe dedicava, em seu grande amor conjugal; digna, corajosa, heróica, lutou pela liberdade do pai de seus filhos, lutou para descobrir os verdadeiros culpados, lutou para que a Justiça fosse feita.

Eles não estavam sós. Ao lado deles, ao lado da inocência perseguida, ao lado da Verdade, estavam os melhores homens da França e do mundo. Em defesa de Dreyfus ergueram-se as mais altas, nobres, e limpidas vozes da França e do mundo; vozes como as de Zola, de Anatole France, dois dos maiores escritores de então, vozes de sábios como Painlevé, de pintores como Monet, de políticos como Jaurès, de mulheres como a poetisa Condessa de Noailles e a atriz Réjane, grandes nomes femininos de então, para só citar alguns dos ilustres defensores de Dreyfus. No Brasil, a 3 de fevereiro de 1895, o "Jornal do Comércio" publicava uma carta de nosso grande Ruy Barbo-

sa, escrita de Londres a 7 de janeiro daquele ano, e que pode ser considerada, na realidade, como a primeira defesa de Dreyfus.

Só doze anos depois é que foi, afinal, reconhecida publicamente a inocência de Dreyfus. No mesmo pátio da Escola Militar onde, 12 anos antes, diante de enorme multidão que o injuriava, Dreyfus havia sido degradado, onde lhe haviam arrancado os galões e os botões do uniforme e lançado aos pés, em dois pedaços, a espada partida, ali mesmo, naquele local, pregaram-lhe ao peito do uniforme restituído, a Legião de Honra.

Durante seus doze anos de martírio, as cartas de sua esposa Lúcia ajudaram-no a viver, a suportar dores e humilhações, a confiar na hora da Justiça.

Leia em nosso próximo número uma carta de amor de Dreyfus à sua mulher.

# Nossos Problemas

ARCELINA MOCHEL

Vem sempre sofrendo o nosso povo. Veem sempre reclamando as mulheres, clamando justiça pelo respeito aos seus direitos. Mas os problemas crescem progressivamente e as soluções se restringem permanentemente.

Essa a razão de nossa luta contínua, que um dia nos levará à vitória, na grande batalha das mulheres organizadas.

Surge agora a calamidade dos despejos de famílias do Jockey Club, distorcida em mudança justificável, para acabar com as favelas do coração da zona sul.

Lá se vão abaixo os miseráveis barracos daquela gente pobre, já tão miserável, tão humilhada, tida pela incompreensão de muitos como um verdadeira quisto social.

Quinhentas famílias apavoradas, acordadas na manhã chuvosa do dia 12 pela ordem de mudança imediata, só tiveram em seu socorro o mau tempo, que impossibilitou a consumação do fato. Seriam levadas para São Cristóvão, aquelas mulheres doentes, subnutridas e mal agasalhadas, as crianças mirradas, analfabetas, descalças, desprotegidas ao frio, de olhos muito abertos, sentindo na sua ingenuidade infantil o pavor daquela medida.

Como deixar ao relento tanta gente, que, atirada de contas, ainda metia sua cabeça debaixo de um barraco de zinco, de latas ou de táboas velhas?

E' verdade que não somos apologistas dos casaberes sem conforto, para o povo morar, mesmo porque quando se respeita um povo, tudo se faz pelo seu bem estar e sua felicidade. Mas de maneira alguma, podemos nos acomodar com essa injustiça de desabrigar a quem tem um abrigo, sem lhe assegurar moradia certa.

Diz-se que a mudança é lenta e com localização definitiva. Não é verdade. O que se vê são os despejos em massa, sem proteção a ninguém, sem segurança alguma.

A verdade é que, em São Cristóvão, à rua Bela, existe apenas um barracão para 36 famílias sem o menor conforto, sem piso batido sequer, escuro, uns com dois cômodos, outros com um apenas, apertados por um corredor estreito, onde duas pessoas juntas se tocam.

Para aí foram transportadas as primeiras 36 famílias, com crianças doentes, mulheres chorando, seus móveis jogados à terra húmida e os pedaços dos seus antigos barracos jogados para outros ramos.

Os chefes da comédia, levantam promessas: terão lotes de terra para suas casas; a Prefeitura ajudará as construções; haverá chuveiro, luz, saneamento, etc., etc.

Os olhos espantados das mulheres dançam lacrimejantes, acompanhando aquelas afirmativas. No íntimo, sabem que tudo é falso. Aquilo, apenas, seria uma favela que saía de um lugar para outro para simples ampliação do espaço vital do Jockey Club; uma nova favela distante dos olhos dos turistas, embora continui o sofrimento do povo.

Mas, de onde essas famílias transportadas vão tirar madeira, telhas, cimento, para as novas casas? Há interesse real em abrigar condignamente os moradores das favelas, ou, apenas se altera a sua localização?

Eis o problema, queridas amigas. O Distrito Federal está em crise de habitação,

entretanto, a solução não está em destruições, sem precedência de construções.

Seríamos injustas, nós, mulheres, e até mesmo deshumanas, se nos conformássemos com tais medidas.

Solidárias às famílias do Jockey Club, lutamos com elas, pela segurança de seus lares.

Nenhuma mulher pode cruzar os braços ante tão monstruoso espetáculo.

Se lutamos por democracia, é porque sabemos que democracia é segurança.

Ampliemos pois, minhas amigas, nossa união, apliquemos nosso espírito de solidariedade a todos os problemas das mulheres e nos ajudaremos mutuamente.

As autoridades sentirão nossa reação, através medidas justas que aplicarmos, consistentes em apêlos e protestos às Câmaras, afim de garantirem teto para todos e que não sejam demolidos barracos, sem construir antes outras casas. Construções modestas, mas condignas.

A mudança já é hoje um fato consumado. E graças à presença de Vereadores e Deputados, à hora do deslocamento das famílias, tiveram de voltar atrás todas as medidas arbitrárias, preparadas para essa consumação.

Mas, temos de unir esforços, para que todas as mulheres que moram nas favelas, sintam o nosso apoio moral e material aos seus sofrimentos, garantindo-lhes que a nossa força organizada será capaz de lhes assegurar melhores condições de vida e mais justiça para a solução dos seus problemas.

Precisamos fazer renascer a alegria no lar brasileiro e a nós cumpre efetivar essa tarefa.

## A mulher no parlamento da cidade

É constante o trabalho das representantes do povo carioca no Legislativo Municipal. Nenhum problema coletivo deixa de lhes despertar especial interesse, procurando dar aos mesmos providências solucionadoras. O microfone da Câmara irradia a voz feminina na justa defesa dos interesses populares.

Sem contar com os apêlos, pareceres em Comissões, o grande número de memoriais recebidos e insertos em ata, as nossas Vereadoras apresentaram nesta semana as seguintes atividades:

ARCELINA MOCHEL

Discurso sobre os despejos e amparo às famílias despejadas.

Indicação n.º 306 — Concessão de matrícula mixta para o Ginásio Benjamin Constant.

Indicação n.º 337 — Iluminação para a rua 21, em Vigário Geral.

Indicação n.º 338 — venda de leite em caminhão para Vigário Geral.

Apêlo — Professora substituta para a Escola Catulo Cearense, no lugar da titular licenciada.

Indicação n.º 344 — Sobre a reestruturação dos quadros de maquinistas e eletricistas do Teatro Municipal.

Declaração de Voto — pelo jubileu da Federação pelo Progresso Feminino.

LYGIA MARIA LESSA BASTOS

Indicação 300 — Nome de Teixeira Mendes a um logradouro da capital.

Indicação n.º 314 — efetivação de diretoras nos cargos com estágio a terminar.

Defesa oral sobre requerimentos em bloco.

Indicação n.º 345 — Sobre pagamento da diferença do aumento de vencimentos das professoras.

Indicação n.º 362 — Pedindo atenção ao Presidente da República sobre um documento do Sindicato dos Empregados em Casas de Diversões.

ODILA SCHMIDT

Discurso sobre folgas semanais remuneradas.

SAGRAMOR DE SCUVERO

Indicação 304 — melhoramentos para os Parques Proletários.

Voto de pesar — Caso do S. A. M.

Indicação n.º 325 — Situação do Hospital de Bangú.

Indicação n.º 324 — Professoras diplomadas para os Parques.

Projeto n.º 115 — Crèches e salários nas fábricas.

Indicação n.º 402 — Entendimentos entre o D.A.S. e os Escoteiros Barão de Mauá.

Requerimento n.º 925 — Sobre internação de menores abandonados e qual o critério obedecido na seleção de candidatos.

Requerimento n.º 933 — Sobre instituições filantrópicas que recebem subvenção da Prefeitura.



## MUNDO DE HOJE

ENEIDA



A União das Mulheres Francesas realizou de 25 a 28 de maio a chamada Jornada Nacional (2.º Congresso). Mais de 2.500 delegadas compareceram a essa reunião, vindas de todos os pontos da França, dos departamentos de ultramar, Guadalupe e Martinica, assim como convidadas da Argélia, Tunísia, Marrocos, África Equatorial Francesa, Viet Nam. Num ambiente de fraternidade e compreensão realizaram-se os trabalhos e foram estudadas soluções para os problemas que interessam a todas as mulheres mães, trabalhadoras, domésticas, etc.

Foram examinadas as seguintes questões: — o abastecimento e a carestia de vida; a defesa dos direitos da família; o papel das eleitas municipais, a defesa da paz e da democracia.

Em nome desse Congresso, a União das Mulheres Francesas enviou às mulheres espanholas e às gregas, a seguinte mensagem:

“Queridas amigas: Unidas com vocês no reio da Federação Democrática Internacional de Mulheres, dirigimo-lhes nossas mais afetuosas saudações.

Nosso pensamento vai inicialmente a vocês, mães e esposas que sofrem e lutam em defesa da liberdade em diversos pontos do globo.

Queremos unificar essa força imensa que representamos no mundo inteiro para liquidar tudo o que ameaça a paz!

Queremos unidas exigir que a energia atômica não sirva nunca para semear a morte e sim para embelezar a vida.

Queremos exigir, unidas que a D. F. I. M. possa ser ouvida pela ONU com uma autoridade cada vez maior, representando a voz dos 80 milhões de mulheres a ela filiadas.

Queremos juntas assegurar a felicidade de nossos lares e preparar para nossos filhos o futuro que cada uma de nós sonha para eles.

tinuam a manter a bandeira da Paz desfraldada pelo mundo e que as forças do mal querem a todo custo fazer desaparecer. Nossas irmãs portuguesas realizam trabalho de alfabetização, visitam hospitais, organizam “tardes infantis”, exposições de livros, exposições de brinquedos e muitas outras atividades, ao mesmo tempo que discutem os problemas imediatos da mulher: socorro às parturientes, socorro à maternidade, proteção às mães e aos filhos, etc.

As mulheres búlgaras trabalham ativamente para a execução do plano bienal econômico de seu país. Na indústria têxtil, por exemplo, a participação das mulheres é preponderante; o número de operárias chega a 34.000. Elas organizam e dirigem brigadas de produção. A emulação industrial é muito grande entre as mulheres. Lemos no jornal “Bulgaria Nova” do dia 23 de junho que Marika Stephanova, Maroussia Todorova e Sava Michailova trabalham cada uma em 12 teares e outras encontraram um novo método de repartição de tarefas que permite a um grupo de três pessoas fazer funcionar 60 teares. Essa intensa atividade devido à iniciativa, exprovidade e o progresso técnica, honram a mulher búlgara e são uma promessa de prosperidade para o país e para o mundo inteiro.

E agora pequeninas notícias de vários países: Em Montgomery, Alabama, nos Estados Unidos, uma mulher negra, sra. Mac Milton, mãe de 8 filhos, foi brutalmente agredida dentro de sua casa por 6 brancos que penetraram em sua casa durante a noite.

Não precisamos dizer que seus agressores foram declarados “inocentes” pelo tribunal local.

Na Inglaterra, pela primeira vez, a Sociedade Real de Astronomia que conta com 116 anos de existência, elegeu uma mulher para sua vice-presidente. É a dra. Madge Adam, de 35 anos, que fez estudos sobre o espectro solar.

Também pela primeira vez uma outra mulher, sra. Helena Normantou, foi nomeada membro do Grande Conselho do Colégio de Advogados ingleses.

Na Itália a porcentagem de mulheres na indústria têxtil é de 80%. As mulheres italianas lutam hoje por igualdade de salário para trabalho igual.

Na România uma estatística sobre o trabalho feminino diz que de 8.411.900 mulheres existentes no país, 4.374.188 trabalham, e dessas, 3.829.602 o fazem na agricultura.

### MUNDO FEMININO

DIRETORA: ARCELINA MOCHEL

Redação e Administração:

RUA DO LAVRADIO, 55 — Sala 11

Caixa Postal 2013 — Rio de Janeiro

Telefone avulso: Cr\$ 1,00 — arazado: Cr\$ 2,00

A S S I N A T U R A S

3 meses ..... Cr\$ 10,00

6 meses ..... Cr\$ 22,00

12 meses ..... Cr\$ 40,00

Com sua estrêla na testa, a mão no gatilho, audacioso e certo, João Mariano partiu. Em lugares onde houvesse dinheiro, procuraria dinheiro, que homem sem dinheiro perde até mesmo o nome de família. E regressaria como seu pai regressara do Amazonas, com charutos nos bolsos e cédulas de quinhentos mil réis para acendê-los.

Sou forte, sou corajoso,  
Sou duro, sou valentão,  
Como a onça no inverno  
E a caracavel no verão...

Como a onça no inverno e a caracavel no verão... Dez anos no máximo, e estaria novamente no Ceará, com as graças de Deus. Cearense é cearense!

E ei-lo de volta sem que o Rio o tivesse modificado. Fizera-se mais polido tanto quanto possível em quatro anos de contínua atividade nas ruas da metrópole, a girar bilhetes de loteria, a passar seguros de vida, e, finalmente, a vender ações de uma companhia de grandes hotéis.

Não viera acendendo charutos com cédulas de quinhentos mil réis, mas regressara fumando charutos, a inteligência mais desenvolvida e os olhos mais abertos. Enfim, na terra de ceegos, enxergava bastante. E um dia percebeu sua grande oportunidade.

Havia numa fazenda próxima certo homem feroz, chamado Alberico, cuja máxima preocupação durante toda a existência fora a herança de ódio que recebera contra certo homem também feroz, chamado Manuel Leitão. Vizinhos silenciosos e desconfiados, como convém a dois inimigos de sangue e fogo, eram incapazes de uma ameaça que não pudessem cumprir imediatamente. Se um deles houvesse sensatamente procurado sítio distante, talvez a inimizade se retrairse, talvez o ódio perdesse o caráter mortal, mas isso não seria possível: a saída de um significaria a vitória do outro.

João Mariano desejava possuir um carnaubal, mas faltava-lhe dinheiro para tanto. E de repente a ocasião se lhe entremostrou, a principio difusa, depois violenta como a emoção de quem mata por covardia.

Manuel Leitão fizera um negócio desastrosado de mamona, os credores perseguiam-no, soluções urgentes deviam ser encontradas a qualquer preço, e, por isso, expunha à venda o seu carnaubal dos Inhamuns por sessenta contos. João Mariano aceitou o negócio, tendo apenas a décima parte do dinheiro, com a condição de que Manuel Leitão lhe passasse a escritura como se tivesse vendido o carnaubal apenas por dez contos mil réis. Para acalmar a desconfiança do matuto, explicou que não queria pagar "ao ladrão do governo" um imposto absurdo. Negócio feito, escritura passada, dera-lhe Manuel Leitão o prazo de um mês para entregar-lhe o dinheiro. Vendendo tudo o que possuía, e ainda aproveitando todo o seu crédito no Banco do Brasil, não teria dinheiro suficiente.

Aconteceu então que viu na inimizade de Alberico e Manuel Leitão o meio pelo qual alcançaria seu objetivo.

Embora João Mariano estivesse muito contenciado da Igreja, temia a Deus e evitava o pecado mortal. Na verdade, até aquele momento não passara de pecados veniais, de

# JOÃO MARIANO

MELO LIMA



pequenos furtos como o de classificar uma pele de primeira como de segunda, de vender muito mais caro o que comprava muito mais barato. Enfim, convenientemente julgados, nem seriam pecados veniais, uma vez que todos os comerciantes da cidade, e os do mundo inteiro, compravam mais barato para vender mais caro. Os impostos cresciam, as dificuldades de vida aumentavam. De que iam viver os filhos se os pais não fossem espertos?

Mas, diante do que pensara como solução do seu negócio, esmoreceu a principio, pensou em castigos eternos, viu o anjo da guarda contorceer-se numa angústia incontida, e recovou.

A tarde, quando os morcegos fogem ao toque do sino, os comerciantes regressam a larés e as beatas procuram o Senhor. João Mariano visitou o vigário. Concordeu com a maldição que deveria cair sobre os que, possuídos do demônio, andavam a exaltar na cidade o liberalismo ateu e a tolerar os positivistas e maçons. Ofertou cem mil réis para os pobres de S. Vicente, aliviou assim a consciência e deixou que a idéia se transformasse em plano.

No dia seguinte mandou chamar Alberico:

— Escute, Alberico...

Olhou para os lados, mostrou-se cheio de receios, disse que as paredes tinham ouvido, e levou-o para os fundos do armazém.

— Os as... nos ombros de Alberico num de amizade e proteção, e suavizando a voz, perguntou:

— Somos ou não somos amigos?

Alberico baixou a cabeça, humedeceu a desconfiança, demorou a responder:

— Homem, é uma pergunta difícil, quero dizer... até agora não tenho motivos para me queixar da nossa amizade.

— Alberico, eu lhe fiz a pergunta de propósito. Quem era amigo de meu pai é meu amigo também. É uma dívida da minha parte. Sou seu amigo.

O velho comoveu-se, o duro coração estemperou-se, observou pela primeira vez que João Mariano filho se parecia com João Mariano pai. E apertou-lhe no braço, abriu-se todo:

— Está precisando de dinheiro, meu filho? Muito não tenho, que a vida é só matapasto, mas para remediar...

— Não estou precisando de dinheiro, Alberico. Muito obrigado. Mandei chamá-lo para lhe prestar um favor de amigo. Soube de uma história que andaram contando por aí, e como não quero ver o seu corpo passar numa rede, hoje ou amanhã, pingando sangue...

— Foi ele? — estremeceu a casa velha sob o estalo da linha mestra.

João Mariano confirmou com a cabeça, sem acrescentar uma palavra, ensaiando porém um ar penalizado de quem assiste

a um entêro por obrigação. Como o velho não insistisse em querer saber o que de grave lhe estava reservado, João Mariano pediu-lhe encarecidamente que mantivesse absoluto segredo sobre o encontro.

— Quem era amigo de meu pai é meu amigo também. Por isso lhe dei o aviso. Mas, você sabe, ando em negócios com aquela peste...

Ficou sua tristeza a marcar um dia penoso, que passou a ser na sua vida como uma dessas cruces plantadas na curva de um caminho, onde passa a lamentar um crime e a assinalar o próprio caminho. Tanto era o ódio de Alberico para com o inimigo que nem pedira esclarecimentos. Só a leve referência à imagem de Manuel Leitão lhe bastara: a pólvora não necessita de chama para explodir.

No dia seguinte, estava João Mariano sentado à porta do armazém quando Manuel Leitão se aproximou a cavalo. Galopava. E sem apear, gritou:

— João Mariano, quantos contos tem no cofre?

— Ainda não inteiçei o dinheiro que lhe devo.

— Depressa! Quantos contos tem agora mesmo?

— Uns dez...

Manuel Leitão atirou-lhe a escritura amarrada com palha de milho:

— Tome a escritura, passe para cá os dez contos, e fique com o carnaubal. Vamos depressa!

Outro teria perguntado a razão de semelhante loucura e pressa, mas João Mariano tinha senso de oportunidade e fareja de índio.

Depois de receber o dinheiro, que não se preocupou em contar, Manuel Leitão disse adeus para sempre e partiu a galope.

E assim, não como planejara, mas exatamente como queria, se tornou proprietário de um carnaubal cuja renda, naquele mesmo ano, subiria a quatrocentos contos líquidos.

Alberico não matara Manuel Leitão. Manuel Leitão matara Alberico.

Curiosas as reações morais que lhe adieram nos dias que precederam à posse da fortuna imprevista. Para que isentar-se de culpa se ele já sabia de antemão os seus pensamentos mais recônditos?

Enfrentara a cólera divina, evidentemente um castigo de proporções medonha: lhe estava destinado. Sacrificara seu anjo da guarda, àquela hora sofrendo horrores por sua culpa, nas chamas do inferno.

Analisou os acontecimentos desde o dia em que havia criado a idéia. O plano realizara-se tão rigorosamente, que Manuel Leitão e Alberico se lhe apresentaram como titeres movidos pelas próprias mãos do diabo.

Passou a noite seguinte nos suplicios de um pesadelo. E' que, no intimo do coração, ainda queria salvar a fé que o catecismo lhe condicionara na infância. Mas, como o castigo não veio, a consciência tranquilizou-se, e a noite seguinte encontrou um João Mariano de capa-e-espada, a farejando mulheres noturnas.

Este era o retrato de João Mariano pai de Deniel, na mesma idade em que o filho sonha simplesmente em ser poeta.

## Reavivando sua memória

Nossas leitoras por certo não desconhecem a história do "Caso Dreyfus", o tremendo erro judiciário que abalou a França, a Europa, e, podemos dizer, o mundo inteiro, entre o fim do século passado e o começo do século atual. Por certo, sabem o que foi o martirio desse inocente Capitão Alfred Dreyfus, condenado por crime de alta traição, cometido por outro, pelo miserável Esterhazy, e explorado infamemente por oficiais de alta patente, conhecidos, na maioria, por seus sentimentos anti-semitas (Dreyfus era judeu). Condenado, degradado publicamente diante da multidão que o insultava aos gritos, exilado para a Ilha do Diabo, acorrentado pelos pés, privado longo tempo de receber e mandar notícias à sua família, Alfred Dreyfus a tudo resistiu, querendo desesperadamente viver até o dia de sua reabilitação, confiando em que chegaria o instante em que seria finalmente conhecida a verdade e proclamada sua inocência. Sua admirável e jovem

esposa, Lúcia, nem um só momento fraquejou na confiança que lhe dedicava, em seu grande amor conjugal; digna, corajosa, heróica, lutou pela liberdade do pai de seus filhos, lutou para descobrir os verdadeiros culpados, lutou para que a Justiça fosse feita.

Eles não estavam sós. Ao lado deles, ao lado da inocência perseguida, ao lado da Verdade, estavam os melhores homens da França e do mundo. Em defesa de Dreyfus ergueram-se as mais altas, nobres, e limpidas vozes da França e do mundo; vozes como as de Zola, de Anatole France, dois dos maiores escritores de então, vozes de sábios como Painlevé, de pintores como Monet, de políticos como Jaurès, de mulheres como a poetisa Condessa de Noailles e a atriz Réjane, grandes nomes femininos de então, para só citar alguns dos ilustres defensores de Dreyfus. No Brasil, a 3 de fevereiro de 1895, o "Jornal do Comércio" publicava uma carta de nosso grande Ruy Barbo-

sa, escrita de Londres a 7 de janeiro daquele ano, e que pode ser considerada, na realidade, como a primeira defesa de Dreyfus.

Só doze anos depois é que foi, afinal, reconhecida publicamente a inocência de Dreyfus. No mesmo pátio da Escola Militar onde, 12 anos antes, diante de enorme multidão que o injuriava, Dreyfus havia sido degradado, onde lhe haviam arrancado os galões e os botões do uniforme e lançado aos pés, em dois pedaços, a espada partida, ali mesmo, naquele local, pregaram-lhe ao peito do uniforme restituído, a Legião de Honra.

Durante seus doze anos de martirio, as cartas de sua esposa Lúcia ajudaram-no a viver, a suportar dores e humilhações, a confiar na hora da Justiça.

Leia em nosso próximo número uma carta de amor de Dreyfus à sua mulher.

BIBLIOTECA  
História  
do Brasil

Dr. Roberto caminhava apressado, as palavras do bilhete de Miguel martelando-lhe no juízo. O amigo devia estar angustiado para fazer aquele apelo. Voltou-lhe mais uma vez o trecho escrito a lapis. "Querida avisá-lo sobre certas coisas e pedir-lhe auxílio. Há dois dias que Luisa vive triste."

## A MODA



### BLUSAS

Uma linda blusa e uma saia bem feita e Você está em condições de frequentar qualquer lugar elegante. Uma mulher de saia e blusa está bem vestida sempre.

Veja essas blusas.

A primeira é de pala, abotoada até o pescoço, mangas compridas. Um plissé acompanha a pala, descendo até o cós. O mesmo plissé termina a manga. Você pode executá-la substituindo o plissé de fazenda por uma renda de dois ou três dedos de largura. A cor é Você quem escolhe.

O segundo modelo, tipo chemisier tem para torná-lo mais feminino um fitilho branco enfeitando a gola e os punhos, fazendo dois movimentos na frente, como se fossem bolsos.

O terceiro é ainda chemisier franzido

nos ombros e com uma frente que deve ser bordada em ponto de xadrez.

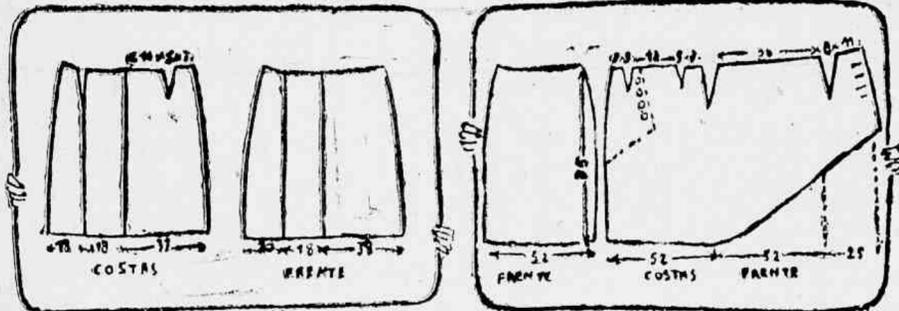
Repare que as três blusas têm o mesmo corte mas... como são diferentes.

### SAIAS

Agora vamos pensar na saia que completará a toilette (com essas blusas).

Você sabe que a moda está mais comprida para a saia. Ela agora é um palmo abaixo do joelho. No primeiro molde a saia é justa, traspassada na frente e fechando no lado com botões. Para as mulheres esguias este modelo é definitivo. No segundo a saia é justa e lisa com uma prega ampla na frente. A linha da cintura e a dos quadris é marcada e só mais abaixo ela é ampla.

Como essas saias são cortadas e armadas é o que Você aprenderá com o nossos moldes acima.



## PUERICULTURA

### MARGARIDA

cheia de preocupações. Tem receio pela criança e fala em morrer no momento do parto. Converse com ela e restitua-lhe a confiança.

Olhando Luisa, não deixou de estremecer ouvindo-lhe a pergunta forçada.

— Que há de novo pelo mundo?

— O mundo continua como sempre... As novidades devem vir daqui. Como tem passado, d. Luisa?

Novamente a voz agressiva.

— Perfeitamente bem, não está vendo?

— Estou quase discordando. Seus olhos estão vermelhos, as mãos agitadas não encontram sossego. Está escondendo alguma coisa.

— Engano, estou alegre. Não. E' mentira, não estou alegre. Tenho um pressentimento horrível — sei que não vou resistir. A idéia da morte não me sai da lembrança, talvez nem veja meu filhinho. Estou com medo...

— D. Luisa, a senhora não é a única mulher assaltada por pensamentos sombrios durante a gravidez. Essa ansiedade, essa angústia repentina...

— Um aperto no coração.

— Isto mesmo. Tudo tem sua explicação: — o nascimento e a morte estão travando um combate. O instinto de vida e o instinto de morte são opostos, atraem-se e repelem-se. Dentro de si está se formando um novo ser, seu sangue está alimentando uma vida nova, isto não quer dizer que toda força, que sua própria vida passe para seu filho e não lhe reste nada... Não, o que se dá é um desdobramento. Muito breve sentirá orgulho em ter nos braços o fruto dessa luta. Verá que a vida de seu filho não exigiu o preço de sua vida.

— Mas o parto é perigoso. Pode acontecer um desastre.

— Fique tranquila, há muito exagero nesta afirmativa. Noventa e cinco por cento dos partos se processam dentro da mais completa normalidade. Sendo acompanhada pelo médico durante este período delicado que atravessa não há motivo para temores. Tudo será previsto e tomadas as providências necessárias. Pode esperar a criança de olhos fechados, cheia de confiança. Tudo correrá do melhor modo possível. Está mais satisfeita?

— Sim... Como é bom ouvir suas palavras! Sozinha, meu juízo começava a arder.

— Veja se ficou outro espantado. Estou aqui para ajudar a enxotar todos os fantasmas. Vamos procurá-los atrás das portas, em baixo da cama, como quem vigia ladrão.

— E' mesmo, como quem persegue ladrão. Tinha resolvido não dizer isto... mas, não quero esconder coisa alguma. Nesses dias tenho me revoltado com a idéia de ficar feia e defor-

passo arrebatado, no momento, ele enxerga a beleza da natureza no esforço de criar uma vida. Ele tem orgulho de si e dele mesmo... A semente caiu em terra fértil.

— Se eu tivesse refletido desta maneira, quanto sofrimento inútil teria evitado!

— D. Luisa o que aconteceu não importa, devemos olhar para frente. Precisa afastar de si todos os fatores que possam ter influências negativas como a preocupação, a nervosidade e o temor, eles podem afetar sua capacidade de amamentar. Deve cultivar tudo que favoreça o equilíbrio de seus nervos e a tranquilidade mental. O ardente desejo de beneficiar seu filho agirá como poderoso fator positivo. E a criança nascerá forte, sadia, encontrando no mundo todas as probabilidades de ser feliz.



**TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL**  
MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES  
**Dr. Campos da Paz Filho**  
Ginecologista  
Caixa P. Light — Laureado pela Academia de Medicina  
Edifício CARIOCA — Sala 218 — Tels.: 42-7550 38-5656

## Cozinha Internacional

### COSTA RICA S. S.

Os ricos passeiam de automóvel. Automóvel? Para passeios pequenos, de redondezas. Longe, é o avião, o transatlântico... Nós, pobres ou remediados, somos donas de casa. E não é todo dia que aparece uma bolsa de estudo. Passeiar, como? Só nas "filas" esperando tudo o que a gente precisa. Mas é preciso passear. Resta um recurso. Passear "de fogão". Isso mesmo. "De fogão".

Em Costa Rica, lá longe, numa cidade diferente, colorida, cinematográfica, é hora de almoço. Ora, quem chega de "fogão", só pode saber do almoço. A mesa está estendida. A família é igual sempre: ela, ele, as crianças. Mas os pratos... ah, esses são outros! Vamos ver. Tire a tampa daquela terrina. Assim. Que cheiro bom... São beringelas com tomate. Ora, viagem "de fogão", a gente sabe logo, como se faz: Abra as beringelas. Tire o caule e descasque. Corte em pedaços. Deixe dois ou três minutos na água fervendo, sobre o fogo. Retire da água. Aperte um pouco, para escorrer bem. Leve ao fogo uma frigideira com cebola batidinha, azeite. Deixe dourar. Junte as beringelas, sal, e tomate picado — (para cada prato fundo de beringelas, um prato fundo de tomates). Não economize o azeite: duas chicanas de café. Deixe fritar bem em fogo forte. Só retire do fogo quando o tomate estiver completamente desmanchado. E aí, sirva.

E aquela travessa? peixe. Peixe à Costa Rica. Como é fácil fazê-lo! Cozinhe o peixe (é pescadinha) em água e sal. Depois de cozido, coloque-o na travessa. Cubra-o de salsa bem batidinha. De rame, por cima, manteiga quente, derretida e sirva logo.

Há um doce, para sobremesa. Espie, bem de perto. Gostou, não é? Claro! Doce de figo com leite de côco! Até parece um doce lá do Norte. Tire a pele do figo fresco, com todo cuidado. Deixe o caulezinho. Faça uma calda fina de açúcar e água. Cozinhe os figos, com todo cuidado, nessa calda, durante cinco minutos.

Cozinhe o coco ralado no leite, esprema, retire todo o leite. Tire os figos do fogo, e derrame sobre eles o leite. Deixe esfriar... e pronto.

E agora... vamos voltar. "De fogão" como fomos. E vamos fazer que já está na hora. Sem banha, sem carne, e com caríssimo feijão e arroz! Já saímos de Costa Rica. Nossa costa, falando "de fogão"... é pobre mesmo.

( DO PROGRAMA "COZINHANDO PELO RÁDIO" )

# AGUA é o grito da população carioca

## SOLUÇÃO IMEDIATA, PEDEM TODAS AS MULHERES



A manhã é brumosa. Um frio cortante queima a pele das mulheres e das crianças. Os pobres crianças, maltrapilhas, sem agasalhos, descalças, mal dormidas, enfrentam as filas nas bicas e nos "suspiros" dos canos d'água das ruas desta capital.

A cidade vai apenas despertando. Mas a população pobre dos morros e das favelas já está em movimento. Descem as mulheres velhas, doentes, cansadas e tristes, com seus vasilhames, para recolher a água do dia, que pinga nas torneiras das ruas.

As vezes, batem às portas das casas: — "por favor uma lata d'água", — pedem. Umas não negam, outras não dão e reclamam às pedintes porque vêm acordá-las tão cedo...

As mulheres e as crianças batem às novas portas e as filas vão crescendo nas calçadas das ruas...

A reporter de MOMENTO FEMININO andou pela cidade, madrugando com as infelizes dos morros e das favelas, para ver de perto o seu sofrimento, sua peregrinação em busca de água.

Andou pela zona sul, pela zona norte. Em toda a parte, o mesmo espetáculo.

Aproximamo-nos das mulheres. Elas compreenderam nossa solidariedade e espontaneamente foram falando: "nem se pode mais dormir até o sol nascer — disse-nos a creolinha Esmeralda, do morro do Barro Vermelho. Também, o que adianta, se não se amanhêce com água nem para lavar o rosto. O morro é seco. Só há uma bica embaixo, sem água e sem torneira.

E vimos aquela jovem de olhos melancólicos, encolher os ombros como quem diz assim: que fazer?

Deixamos aquela fila, da esquina da rua Barão de Itaipu cheia de gente em pé, sentada, reclamando a injustiça dos poderes públicos, que não chamam para as necessidades do povo.

Fomos adiante, ao morro do... clareava aos poucos, mas ainda o frio era cortante. Lá, também as mulhe-

res aguardavam sua vez na bica de bambú.

Aí, a água vem do alto, da fonte, do cimo do morro. Mas não se faz um aproveitamento devido.

Um pedaço de bambú surge entre as pedras do morro e um fio d'água vai caindo, escorregando morro abaixo. Eis o começo e o fim do abastecimento de água dos moradores locais.

Uma humilde senhora grávida recolhe sua jarra e aguarda a vez de sua chaleira.

A nossa pergunta, disse-nos amargurada: — a senhora está vendo a nossa vida? Quando acabará esse tormento? Este bambú apenas periga. Mas a fonte é lá em cima. Por que não se põe aqui uma caixa d'água? Vivo cansada de subir até aqui e fico esperando água horas e horas.

Aí também estavam 5 crianças. Brincavam com as pedras e aguardavam sua vez.

No morro da Mangueira, a situação não é melhor. As mulheres têm de atravessar a rua, descer e subir o precipício, escorregando, caindo, e vão apanhar água na bica do outro lado. Aí é que lavam roupa, colhem água para beber e dão banho nas crianças. Durante o dia ficam nesse vai-e-vem, de descer e subir a ladeira defronte, para se suprirem desse precioso líquido.

— E às vezes, não dá água — queixou-se, a velha Adelaide, preta velha lavadeira — nesses dias, não trabalho e não ganho pra comer. Veja só como vive o pobre.

Um menino de camiseta de meia põe sua lata na fila e sai correndo, subindo o morro. Depois de algumas horas voltará para apanhar sua vasilha.

Fomos à zona sul, às favelas de Saecapan, Catacumba e Jockey Club. A mesma coisa, às mesmas queixas. Bicas secas, distantes, insuficientes para o abastecimento da população.

E o problema do povo, gritando aos ouvidos das autoridades: água, água.

Tomem as autoridades as devidas providências, encarem o problema como fundamental.

MOMENTO FEMININO, que-

rendo ajudar as mulheres levando a campanha da água para a população carioca, em colaboração com as autoridades.

Não é possível aguardar indefinidamente um plano de abastecimento d'água. O que se impõe, são medidas práticas e imediatas. São as bicas nos morros, a extensão dos canos, maior rede de canalização nos bairros, mudança dos canos velhos e o aproveitamento das fontes, além da providência fundamental.

Assim, as mulheres terão mais sossego e sofrerão menos. Terão água para beber, para lavar, para dar banho às suas crianças.

Que as autoridades tomem a sério esse problema, porque o povo vive cansado de passar privações.

Sem água ninguém vive. Eis por que não se pode justificar o indiferentismo da

governo frente a tão magno problema e aguardamos se pronuncie o poder público, ante o apelo de milhares de habitantes desta capital.

O MOMENTO FEMININO esclarece, que se atualmente o abastecimento d'água é de 500 milhões de litros diários para uma população de 2 milhões de habitantes, é claro que não satisfaz à real necessidade do povo, pois, são precisos 300 litros por dia e por pessoa, para o suprimento normal.

Urge, para suprir essa necessidade, que se termine o reforço da Usina do Juramento, que dará mais 80 milhões de litros por dia, e a 2.ª adutora do Ribeirão das Lages, que dará mais 220 milhões de litros diários.

Eis a solução, senhores governantes, para a qual nosso jornal, chama a atenção de VV. Exceias, para segurança do bem-estar do nosso povo.



## Preparam-se os aeroviários para eleger a sua Rainha

### O ENTUSIASMO QUE ENCONTROU A NOSSA REPORTAGEM NA SECÇÃO DE CONTABILIDADE DA PANAIR

Por iniciativa do Sindicato dos Aeroviários, realizou-se, no dia 23 do corrente, a eleição da Rainha dos aeroviários. O processo da eleição já foi, no entanto, iniciado com a grande movimentação de votos nas várias Companhias aéreas. A candidata mais votada de cada Companhia será a Princesa da mesma, e a ela serão atribuídos os votos das candidatas menos votadas, concorrendo, então, com o total obtido, à eleição da Rainha de todos os aeroviários.

A proclamação e coroação da vitoriosa eleita serão feitas então, na grande festa do dia 23, a qual se realizará no High-Life e contará, provavelmente, com a presença do Ministro do Trabalho.

Além dos aspectos de fraternidade, beleza e gentil emulação de que se reveste a eleição em apreço, há, ainda, a salutar e da solidariedade humana, porquanto cada voto custa um cruzeiro, e toda a importância obtida com a venda dos milhares de votos

será entregue à Associação Beneficente Francisco de Assis, de combate à tuberculose.

Essa série de informações, obteve-as a nossa reportagem no nono andar do Edifício Gily, onde funciona a Secção de Contabilidade da Panair. Como o presidente da Junta do Sindicato dos Aeroviários, sr. Nelson Cardoso, é lesoureiro daquela Companhia, para lá se dirigiu, na tarde de chuva, a reporter de MOMENTO FEMININO.

Não só a ele, entretanto, tivemos oportunidade de ouvir, pois o sr. Nelson Cardoso nos deu o agradável ensejo de conhecer três belas funcionárias daquela Companhia: as senhoritas Nilza Peixoto e Helena Damasceno, candidatas da Secção de Contabilidade, e a senhorita Lima Moreira, candidata do Clube Panair, do qual é, também, presidente o sr. Nelson Cardoso.

Quintos, ainda, o sr. Aliano B. Sousa, membro da Comissão de Arrecadação da Companhia e cabo eleitoral dos mais entusiasmados,

A candidata do Clube Panair, a simpática aeroviária Lima Moreira, será apresentada no baile que aquele Clube promove sábado, nos salões do Automovel Clube, a partir das 21 horas.

O programa é sedutor: "Grandes surpresas... Leilão americano. A noite das Flores. Uma dança e... cinco votos. Mesas reservadas e... dez votos. Ótimo serviço de bar."

Para tornar mais cheia de interesse a eleição que se está processando no meio da grande classe dos aeroviários, há, ainda, os prêmios para as belas eleitas, para a Rainha e as quatro princesas, isto é, para as cinco aeroviárias mais votadas. Três prêmios podemos anunciar como certos: Viagem à Europa, oferecida pela Panair à Rainha; viagem a Miami, oferecida a primeira princesa ou à 2.ª colocada pela Companhia Aerovias; viagem a Buenos Aires, prêmio da Cruzeiro do Sul à que obtiver o terceiro lugar.

## ATIVIDADES femininas

**Federação Brasileira pelo Progresso Feminino** — Celebrando o seu jubileu, a associação dirigida pela dra. Bertilutz promoveu um fraterno almoço no dia 9 do corrente, na Casa do Estudante do Brasil. A ele compareceram, além das senhoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e do representante do Ministério da Educação, vultos femininos de projeção nas letras, na política, e na existência associativa feminina da capital da República.

Dentro, ainda, do seu programa de comemorações, realizou-se, no dia 12, no mesmo local, conforme anunciamos,

uma Assembleia Geral, à qual compareceram representantes de várias entidades femininas cariocas. Debateram-se os problemas mais sentidos pela mulher brasileira e constituiu-se uma Comissão encarregada de buscar aproximação com todas as sociedades femininas do país.

**União Feminina Nacional** — Uma das mais novas organizações de mulheres aparecidas no Brasil, é a União Feminina Nacional, fundada por um grupo de senhoras de Belo Horizonte. A instalação da mesma contou com a presença do depulado Campos Vergal, sendo seus objetivos a luta

contra a carestia, a união das mulheres e a luta pela paz.

**União Feminina de Nova Lima** — Ainda em Minas Gerais, uma nova sociedade de mulheres: a União Feminina de Nova Lima. Apesar de inmensamente jovem, já conseguiu uma significativa vitória. O precário abastecimento local, o desaparecimento dos gêneros de primeira necessidade, a falta de um mercadinho — levaram as mulheres de Nova Lima a organizar-se e a solicitar providências energias ao Prefeito. O resultado foi o abastecimento imediato, o aparecimento de um mercadinho e a queda de três cruzeiros no preço da banha e de cinquenta centavos no preço do litro de leite.

## Dr. Francisco de Sá Pires

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41

Sala 806 — Diamante — Fone 22-5954

Doenças das Senhoras e Senhoritas

DR. VICTOR HUGO

Consultórios: Ed. Darke de Mattos

RUA 13 DE MARÇO, 23 - 17.º andar - Sala 1719 - Fone 42-9056

RUA SÃO JOSÉ 27 - sobr. - Tels. 42-3275 e 22-3451

**Associação Cívica Feminina** — Organização que existe, há tempos, na cidade de Santos, atravessa, a sua, uma fase imensamente vigorosa. E a prova maior é a excelente tese que acaba de enviar ao Congresso Feminino de Guatemala. Não enviou uma delegada, mas mandou a sua mensagem, enviou o pensamento de lucidas mulheres organizadas.

# Alfabetizemos

Há meses que se ouve falar na Campanha de Educação de Adultos. Que se vêem cartazes de propaganda pela cidade. Que se escutam "slogans" pelo rádio.

Mas o que é preciso é, realmente, ver e escutar. O que urge é sentir e participar. E saber que se trata, de fato, de qualquer coisa vital e profunda, básica e imensa e que, por isso mesmo, reclama a cooperação sem descansa da fração populacional alfabetizada.

Foi com esta riqueza de entusiasmo que sei, numa

Dez mil classes em todo o país. Um aluno de 112 anos. "Brigadas de Voluntárias" em São Luiz do Maranhão. Educação de base é a finalidade da campanha que empolga o Brasil.

Reportagem de MAURA DE SENA PEREIRA



porque alguns Estados ultrapassaram a cota que lhes coube.

Mas há, ainda, as classes mantidas pelo voluntariado, em número superior a 2.000, o que mostra a comunhão do povo numa campanha que visa o interesse do povo.

Quando ao número de matriculados, sabe-se que, só em São Paulo, ele sobe a mais de 80.000, sendo que 30.000 estão em vias de receber certificados de alfabetização.

Não há dúvida que a grande unidade federativa é a campeã do movimento. E é ainda numa classe paulista que está matriculado o aluno mais velho do Brasil. Sim, minhas senhoras, em Guaratinguetá, o macróbio Pedro de Oliveira, com os seus 112 anos completos, lá está, diariamente, compenetrado e estudioso, diante do seu Primeiro Guia de Leitura.

## A PARTICIPAÇÃO FEMININA

Está claro que não posso deixar de dirigir ao professor uma pergunta à cerca da participação feminina na campanha.

E a resposta vem sublinhada de admiração. Além de ser o corpo docente desses milhares de classes de ensino supletivo constituído de "professoras" na sua quase totalidade, é, ainda, de 50% seguramente o número de mulheres matriculadas. Em Alagoas, notou mesmo muitas classes femininas. Mas há, também, as mulheres abnegadas e patriotas que ajudam, como voluntárias, o empolgante movimento de educação popular. E cita, como exemplo, as "Brigadas" de São Luiz do Maranhão.

## EDUCAÇÃO DE BASE

As últimas palavras são para deixar bem nítido o sentido da campanha: educação. Não se trata de alfabetizar apenas. Trata-se de despertar, ensinar, dar o sentimento de cidadania ao brasileiro, noções de higiene ao indivíduo humano, tornar o discente adulto em condições de defender sua saúde, seus direitos, e de sentir a vida como um ser consciente. Mas é evidente que o fundamento está na posse das disciplinas primárias, que nada é possível sem esse grande e árduo trabalho de recuperação, que consiste em ensinar a ler aqueles que não puderam, em sua infância, frequentar uma escola. Sim, o objetivo da campanha não é apenas alfabetizar, mas dar o que os técnicos da UNESCO, segundo escreve, num dos seus últimos "Bilhetes da França", para "O Jornal", o professor Tude de Souza, chamam de "educação de base", afirmando que a supressão do analfabetismo "será considerado como um

das últimas tardes, do Departamento Nacional de Educação, onde palestrou comigo sobre o assunto o professor Calheiros Bonfim.

## O POVO TEM FOME DE APRENDER

É o título que aquele técnico do ensino deu a um artigo recente, no qual descreve algumas impressões da viagem que acaba de fazer a sete Estados, em função da Campanha de Educação de Adultos. Dentre elas, vale recordar o interesse que percebeu nos alunos quinquagenários de uma classe de Cuiabá, marcante e vivo como o demonstrado pelos colegas adolescentes.

Em Alagoas, demorou o professor seis dias e pôde observar, mais detidamente, o funcionamento das classes de alfabetização. Classes superlotadas, diz ele. De tal forma que as professoras se vêem obrigadas a buscar auxiliares, quase sempre pessoas da família, que prestam graciosamente a sua colaboração ao ensino dos adultos analfabetos. E lá, no interior do Estado, em Chá do Pilar, vai visitar uma classe numa noite de temporal. Seria possível que a jovem mestra, que os discentes cansados saíam de casa naquela noite, enfrentando o rijo aguaceiro e a "estrada lamacenta"? Sim, todos lá estão no seu posto: a moça professora e a meia centena de alunos adultos.

Em todas as classes visitadas, o professor Bonfim não só olhou as fisionomias sófregas, as mãos segurando com orgulho o Primeiro Guia de Leitura, os olhos carregados de interesse; inspecionou, também, as almas, conversou, interrogou, improvisou pequenos exames. E, por tudo que viu, pôde concluir que "o povo tem fome de aprender."

## DEZ MIL CLASSES

Indubitavelmente, o relato em apreço trazia já alguns frutos da campanha. E, para conhecer a estruturação da mesma e poder trazer detalhes e números ao nosso público, procurei, no Departamento Nacional de Educação, o professor Calheiros Bonfim, que eventualmente substituiu o professor Fernando Tude de Souza na direção de um dos setores da Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes Analfabetos.

As palavras que me diz e os documentos que me dá a ler — traçam a história e o mecanismo da campanha que o Ministro da Educação e Saúde, dr. Clemente Mariani, lançou em janeiro e que entrou em funcionamento a 15 de abril, precisamente há quatro meses.

A organização e a execução do vigoroso plano de ensino supletivo para adultos analfabetos foram coordenadas

ao diretor do Departamento Nacional de Educação, professor Lourenço Filho. Para uma execução perfeita, as tarefas foram distribuídas em três setores: a parte didática propriamente dita está a cargo de um grupo de técnicos, tendo à frente o próprio professor Lourenço Filho; a de controle foi confiada ao professor Francisco Jureki e a de relações com o público ao professor Fernando Tude de Souza.

Através dos Departamentos de Educação dos Estados, Territórios e Distrito Federal, o Ministério da Educação desenvolve a campanha em cooperação com as instituições particulares.

Dez mil classes. Dez mil classes, cada uma com cerca de cinquenta alunos. Dez mil classes, alfabetizando meio milhão de brasileiros adultos.

Aplicando 25% do Fundo Nacional do Ensino Primário, de acordo com os dispositivos legais, o Ministério de Educação fornece Guias de Leitura, Instruções para os Professores e Quadros Murais a cada uma das classes, e a cada professor gratifica com a importância mensal de trezentos cruzeiros.



## MEDICINA E SAÚDE

### SIFILIS E GESTAÇÃO

DRA. ELINE MOCHEL MATOS

Todas as mães devem sentir a grande responsabilidade que têm para com a saúde futura de seus filhos, sobretudo no tocante aos processos sífilíticos. No nosso país, a sífilis constitui um mal social que se agrava dia a dia e que as autoridades competentes ainda não quiseram enfrentá-lo de fato. Costuma-se aceitar o "slogan" de que "todo brasileiro terá sífilis" como se isto constituísse uma glória. Não conhecem, de certo, os males causados por tal enfermidade que é hoje um dos maiores flagelos que atacam o nosso povo. Para as mulheres, principalmente, conhecerem e aplicarem os meios de proteção contra os males da sífilis é mais que um dever, é um ato patriótico.

A sífilis não é hereditária, é adquirida pelo contágio direto de indivíduo para indivíduo. Um simples beijo pode ser transmissor do germen.

A creança adquire sífilis no ventre materno, desde que a mãe seja portadora da infecção. O germen passa do sangue materno para o sangue fetal e o resultado são consequências sérias e graves para o novo ser, se não houver um tratamento conveniente. Uma gestante infectada pode ter: 1.º Interrupção espontânea da gravidez — aborto sífilítico. 2.º Parto prematuro (7.º ou 8.º mês). A creança geralmente nasce morta. 3.º Quando a gravidez consegue ir a termo, o feto pode morrer durante o trabalho de parto ou horas depois. Há creanças que nascem aparentemente saudáveis, e que no curso de sua vida, desde os primeiros meses, vão sendo marcados cruelmente pelos sinais da sífilis, sinais que resistem ao tratamento e que são fatores de complexos e sofrimento moral dos pais e demais parentes. Dizem que toda creança feita é sífilítica. Não podemos afirmar, mas a verdade é que a sífilis afeta de tal forma o indivíduo que verdadeiros mostrengos e deformados são vistos por aí fora, como que condenando aqueles que se descuidam da saúde do povo.

A sífilis não respeita cor nem dinheiro. Invade qualquer lar, qualquer que seja a condição social. Você já deve ter visto alguém com um nariz em forma de sela ou de bulldog. É uma deformação de origem sífilítica. E certas creanças de cabeça grande que o povo chama "cabeça d'água"? É outra deformação geralmente sífilítica, é a hidrocefalia. A surdo-mudez, certas afecções oculares, a epilepsia, a infelicidade, a idiotia e tantos outros.

A sífilis leva para os asilos 40% das creanças débeis e povoa os hospitais de paralisicos gerais, dementes, cretinos e epiléticos. Todos portadores de sífilis nervosa cujos pais não foram suficientemente esclarecidos sobre o perigo da lúcs. Além de mais, a sífilis abrevia a vida dos homens e mulheres, principalmente aqueles portadores de cardiopatias.

Ora, sabemos que ainda estamos longe de resolvermos o problema da sífilis em nossa Pátria. Falta consciência, boa vontade, interesse, dinheiro, enfim, falta consciência e zelo pela saúde da nossa gente. O número de ambulatórios para assistência pré-natal não corresponde às nossas necessidades nem um terço. Também sabemos que uma série de problemas domésticos, econômicos e sociais, com a falta de educação popular sobre os problemas de saúde, impedem a mulher de chegar até o posto de saúde. Mas, não seja por isto que cruzemos os braços diante dos perigos que a sífilis apresenta. Mais uma vez chamamos atenção das mães para a responsabilidade que assumem em face do novo ser. E seu filho, um brasileiro que muito poderá fazer por sua Pátria. Tudo depende de você. Dependendo do tratamento que você fizer durante o período de gestação. O caminho a seguir portanto é o pré-natal. Não vacile. Ao se sentir em estado interessante, mande examinar o seu sangue. Se a reação for negativa, faça uma ratificação, isto é, tome 5 a 6 injeções de bismuto e insista em nova reação. Mesmo negativa, faça uma série de bismuto (36 empolpas), de preferência oleosa 2 vezes por semana. Não esqueça um pouco de extrato hepático e pesquisa de albumina pelo menos de 15 em 15 dias.

Se a reação for positiva, você poderá fazer o arsênico 1 vez por semana alternando com bismuto 2 vezes, não esquecendo o extrato hepático. Este tratamento precisa ser bem orientado; o arsênico é uma substância tóxica, não pode ser tomado sem um prévio exame de urina. Você deve, portanto, procurar um posto médico, um ambulatório ou o seu médico particular que lhe dará todas as instruções necessárias para assegurar a saúde e felicidade de seu filho.

## FALTAM ESCOLAS E PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL

LIGIA MARIA LESSA BASTOS

Em resposta a requerimento por mim formulado, a Secretária de Educação e Cultura prestou à Câmara Legislativa do Distrito Federal pormenorizadas informações sobre a precária situação do ensino primário na Capital da República. Alguns dados colhidos nesse documento elucidarão o leitor mais facilmente do que o logramos fazer com uma série de artigos.

Assim é que, do quadro demonstrativo da população infantil relativamente ao ano de 1946, consta que, dum total de 480.000 crianças, 260.196, isto é, mais da metade, não frequentaram escolas.

Das 219.802 crianças que se instruíram em 1946, 123.832 estiveram matriculadas em escolas públicas e 95.970 em escolas particulares.

Passando ao exame do quadro demonstrativo da situação dos prédios escolares, constatamos que dos 265 prédios escolares em uso nesse mesmo ano de 1946, 116 estavam em boas condições e 129 careciam serem substituídos, sendo que 100 deles por serem alugados.

Cientes das necessidades do ensino no que diz respeito a escolas, as autoridades que no momento arcam com a responsabilidade da solução desse problema, chegaram à conclusão de que há necessidade de serem construídos 305 prédios escolares, sendo 45 em substituição aos prédios inadequados existentes e 260 para atender à população infantil que não frequenta escolas.

É claro que a construção desses 305 prédios escolares julgados necessários não poderá ser levada a efeito em menos de 10 anos se conseguirmos construir, em média, 30 por ano, o que será difícil.

Há, portanto, necessidade da adoção de providências de emergência tendentes a facilitar a difusão do ensino primário durante o decênio em que ainda se fará sentir a carência de prédios escolares.

Foi atendendo a essa circunstância que apresentei o projeto n. 64 de 1947 dispondo sobre a matrícula de alunos do curso primário nos Colégios Particulares.

Achando-se sob fiscalização direta da Secretaria Geral de Educação e Cultura, cuja orientação devem obedecer, de acordo com o lei que rege o ensino primário, as escolas particulares podem ser consideradas como auxiliares do Governo na administração do ensino.

Demais, não devemos esquecer que não há apenas crise de escolas; não menor é a de professores, pois existem 600 vagas no quadro e não devemos nos esquecer que a medida que for aumentando o número de escolas o quadro de professores terá de ser proporcionalmente aumentado.

No momento dispomos de 3.520 docentes, mas quando o plano de construções for ultimado, serão necessários 12.110 professores para a regência de classes.

Evidentemente não pode ser descuidado o problema da formação de professores e justamente por isso, no meu projeto n. 6, procurei resolvê-lo da maneira mais prática.

Não se pense, porém, que a solução por mim alvitrada seja empírica. Estudei antes aternamente o assunto e cheguei às seguintes conclusões:

a) — No Instituto de Educação estavam dando mais importância ao ensino Ginasial do que ao Normal.

b) — Até janeiro de 1946 os professores primários eram mal remunerados e por isso, anualmente, grande número de professoras preferia funções que assegurassem maiores proventos.

Com a melhoria dos vencimentos do magistério primário e a perspectiva dos aumentos quinquenais, ficou sanado o mal de que trata o segundo item mas resta corrigir a anomalia assinalada no primeiro.

Antes de formular o projeto n. 6 consultei os dados estatísticos referentes ao Instituto de Educação e cheguei às seguintes conclusões:

No ano de 1945, num total de 2.150 alunos, 1.475 estavam matriculados no Curso Ginasial e apenas 675 no Curso Normal. Em 1946, de 2.150, 1.752 eram ginasiais e 398 frequentavam o curso normal. Em 1947, das 2.569 alunas do Instituto de Educação, 1.770 são do curso ginasial e apenas 829 do Curso Normal.

Eis aí como o Instituto de Educação foi se desviando de sua verdadeira finalidade, que é a formação de professores, com a hipertrofia do curso ginasial. E é interessante observar que, à medida que o curso ginasial cresce, em detrimento do normal, prosperavam inúmeros cursos particulares que surgiram, como cogumelos, em torno do Instituto de Educação e com a finalidade única de preparar candidatas no Instituto de Educação.

Essa é a razão, aliás, porque surgiram opositores quando propuz, no aludido projeto, a transferência do curso ginasial do Instituto de Educação para as Escolas Técnicas da Prefeitura.

A verdade é que não há razão para se manter o curso ginasial do Instituto e nada justifica a criação de outra escola normal quando possuímos, naquele educandário, espaço e instalações suficientes para um curso normal com frequência de mais de 1.300 alunas.

A dualidade de escolas normais no Distrito Federal redundará em graves prejuízos para o ensino conforme o provaremos oportunamente.



beira do regato loda espezinhada pelas patas dos bois que tinham ido beber, e que tinham pôsto de manhã pastando no mato. Avangou um pouquinho e verificou que os animais tinham pisado no seu moinho, deixando-o em migalhas, de que só pôde encontrar algumas. Sentiu então o coração apertado e imaginou que alguma desgraça devia ter acontecido aquelle dia a seu gêmeo. Correu até a Priche para se assegurar de que nada de mal tinha havido. Mas como já percebera que Landry não gosava de vê-lo chegar durante o dia, porque tinha medo de aborrecer o patrão, deixando-se distrair do trabalho, contentou-se em espiá-lo de longe, enquanto, Landry trabalhava, e conservou-se escondido. Sentia vergonha de confessar a idéia que o impelira, e voltou para casa sem dizer uma palavra, e não falou a ninguém sobre esse caso, sinão muito tempo depois.

Como estava ficando pálido, dormindo mal e comendo pouco, deixava a mãe muito aflita, sem saber o que fizesse para consolá-lo. Tentava levá-lo em sua companhia ao mercado, ou então mandava-o à feira de gado com o pai ou os tios; mas nada o interessava nem distraia, e o pai Barbeau, sem lhe dizer nada, procurava persuadir o pai Caillaud a tomar os dois gêmeos a seu serviço. Mas o pai Caillaud lhe respondia uma coisa, que elle reconhecia ser justa :

— Supondo que eu tomasse os dois por um tempo, a coisa não poderia durar, porque, onde é preciso um empregado, não há necessidade de dois para gente como nós. No fim do ano, você teria da mesma forma de empregar um deles em outro lugar. E você não vê logo que, se Sylvinet estivesse num lugar onde o obrigassem a trabalhar, elle não pensaria tanto em tudo isso, e acabaria fazendo como o outro, que acabou por se conformar corajosamente? Cêdo ou tarde, vai ser preciso chegar a esse ponto. Você talvez não possa empregá-lo onde quizer, e se essas crianças têm de ficar ainda mais afastadas uma da outra, vendo-se apenas uma vez por semana ou de mês em mês, mais vale acostumá-los a não estar sempre um metido no bolso do outro. Seja mais trizado, meu velho, e não se affija tanto por causa de um capricho de criança a quem sua mulher e seus outros filhos fizeram vontades demais e deu mais carinhos do que convinha. O pior está feito, e fique certo de que elle se habituara ao resto, se você não veder.

O pai Barbeau concordava e reconhecia que quanto mais Sylvinet via o irmão gêmeo, mais tinha vontade de vê-lo. E promettia a si mesmo tentar empregá-lo no próximo dia de S. João, a fim de que, vendo outra vez menos Landry, Sylvinet resolvesse viver como os outros, sem se

deixar dominar por uma afeição que se transformava em febre e languidez.

Mas não devia ainda falar nisso com a mulher; porque, a primeira palavra, ela derramava todas as lágrimas que tinha no corpo, dizendo que Sylvinet era capaz de morrer, e deixando o pai Barbeau muito embaraçado.

Aconselhado pelo pai e pelo patrão, assim como pela mãe, Landry não cessava de procurar convencer seu pobre gêmeo; mas Sylvinet não se defendia, prometia tudo, e não conseguia dominar-se. No seu desgosto havia ainda uma coisa que ele não dizia, porque não sabia como dizer: é que estava mordido, no mais fundo de seu coração, por um ciúme terrível de Landry. Sentia-se contente, mais contente do que nunca, de ver que todos o estimavam e que seus novos patrões o tratavam como se ele fosse filho da casa. Mas se, por um lado, isso o alegrava, por outro affligia-o, e ele se sentia ofendido de ver que Landry correspondia demais, a seu entender, a essas novas amizades. Não podia suportar que, e uma palavra do pai Caillaud, por mais delicada e pacientemente que fosse chamado, Landry se precipitasse ao encontro da vontade do patrão deixando de lado pai, mãe e irmão, mais cauteloso de atender ao dever do que à amizade, e mais pronto à obediência do que seria Sylvinet, se se tratasse de ficar um momento a mais junto do objeto de uma afeição tão fiel.

Então a pobre criança se torturava com uma suspeita que lhe vinha ao espírito, e que antes não conhecia: a de que era o único a querer bem, e que sua amizade lhe era mal retribuída; que isso devia ter existido sempre, sem que outrora o percebesse; ou então que, há já algum tempo, a afeição de seu gêmeo tinha esfriado, porque encontrara fora de casa pessoas que lhe convinham melhor e lhe agradavam mais.

## III

Landry não podia adivinhar esse ciúme do irmão; porque, de seu natural, nunca tinha sentido ciúmes de ninguém em sua vida. Quando Sylvinet ia visitá-lo na Priche, Landry, para distraí-lo, ia mostrar-lhe os grandes bois, as bonitas vacas, os belos rebanhos de ovelhas e as volumosas colheitas das terras do pai Caillaud; porque Landry apreciava e considerava tudo isso, não por inveja, mas pelo gosto que tinha pelo trabalho da terra, pela criação do gado e pela beleza e a perfeição de

## A PEQUENA FADETE

ao contrário: as mães o abraçavam pelo pescoço, rindo, coisa que o aborrecia um pouco.

Sylvinet virá-o dançar uma vez, e isso causara um de seus maiores despeitos. Ficara tão indignado de o ver beijar uma das filhas do pai Caillaud, que tinha chorado de ciúmes, achando a coisa muito indecente e pouco cristã.

Assim, pois, cada vez que Landry sacrificava seus divertimentos à amizade do irmão, era para passar um domingo pouco alegre; mas, apesar disso, não faltara uma só vez, imaginando que Sylvinet lhe ficaria grato, e disposto a suportar um pouco de tédio para dar contentamento ao irmão.

Por isso, quando viu que o irmão, que implicara com ele a semana inteira, deixara a casa para não fazer as pazes, ficou por seu turno muito maguado, e, pela primeira vez desde que deixara a família, chorou um franto desatado, às escondidas, sentindo sempre vergonha de mostrar seu desgosto aos pais e não querendo aumentar o que eles talvez estivessem sentindo.

Se fosse caso de alguém ter ciúmes, Landry teria mais motivos do que Sylvinet. Sylvinet era o predileto da mãe, e mesmo o pai Barbeau, embora tivesse uma preferência secreta por Landry, tratava Sylvinet com mais indulgência e cuidado. Essa pobre criança era a mais fraca e a menos ajuizada, essa era a razão por que lhe davam mais mimos, e evitaram com mais cautela entristecê-lo. E, no entanto, era ele quem tinha a melhor sorte, já que ficara em casa com a família, enquanto coubera a seu gêmeo a ausência e o trabalho.

Pela primeira vez o bom Landry pensou em todas essas coisas, e achou que seu gênero era muito injusto para com ele. Até aquele momento, seu bom coração impedira-o de culpar o outro, e, para não acusá-lo, preferia condenar-se a si próprio por ter demasiada saúde e tanto ardor para o trabalho e para o prazer, e por não sabe rdizer palavras tão doces nem ser capaz de atenções tão finas quanto o irmão. Mas, dessa vez, não pode encontrar em si mesmo nenhum pecado contra a amizade, porque, para ir em casa aquele dia, tinha renunciado a uma pescaria de caranguejos que os rapazes da Priche tinham planejado a semana inteira e na qual prometiam que se divertiria muito, e equisesse ir com eles. Tinha, portanto, resistido a uma grande tentação, e, nessa idade, é muita coisa. Depois de ter chorado bastante, parou para escutar alguém que também estava chorando ali por perto, e que fazia sômbra, como é costume das mulheres de

e a menor palavra do irmão. Não o deixava transparecer, porque tinha vergonha de ser tão sensível, tão fácil de ferir; mas, no momento em que se separavam, dizia-lhe muitas vezes :

— Chega, já estás farto de mim por hoje; talvez que eu tivesse demorado demais, e o tempo que eu passo aqui te pareça muito comprido.

Landry não compreendia essas queixas. Elas o entristeciam, e, por sua vez, queixava-se disso ao irmão, que não queria nem podia explicar-se.

Se o pobre menino tinha ciúme das menores coisas que preocupavam Landry, mais ciúmes tinha ainda das pessoas a quem Landry mostrava afeição. Não podia suportar que Landry fosse companheiro dos outros rapazes da Priche, e se mostrasse de bom humor com eles, e quando o via tomar conta da pequena Solange, acariciá-la ou distraí-la, censurava-o de esquecer da irmãzinha Nanette, que era, no seu entender, era, na sua opinião, cem vezes mais engraçadinha; mais asseada e mais simpática do que aquela feiosa.

Mas como nunca se permanece dentro da justiça quando se tem o coração roído pelo ciúme, quando Landry ia à Bessonière, achava sempre que estava dando demasiada atenção à irmãzinha, e Sylvinet queixava-se de só se ocupar com ela, e não ter, para elle, senão tédio e indiferença.

Em suma, sua amizade ficava pouco a pouco tão exigente e seu gênio tão triste, que Landry começava a sofrer por causa disso, e não tinha prazer de estar muitas vezes junto d'elle. Estava cansado de ouvi-lo frequentemente censurar-lhe o fato de se ter resignado tão depressa à sua sorte. Dir-se-ia que Sylvinet se sentiria menos infeliz se pudesse fazer com que o irmão se sentisse tão infeliz quanto elle. Landry compreendeu-o e quis explicar-lhe que a amizade, quando é grande demais, pode transformar-se num mal. Sylvinet não quis aceitar essas palavras, e considerou-as como uma grande dureza da parte do irmão. E, assim, começou a guardar-lhe rancor de vez em quando, e passou semanas inteiras sem ir vê-lo na Priche, apesar de morrer de vontade de ir, mas contendo-se e fazendo com que o orgulho entrasse numa coisa onde nunca deveria haver nem um pinguinho de orgulho.

Dêsse modo, de palavra em palavra e de zanga em zanga, o pobre Sylvinet, sempre interpretando mal tudo quanto ajuizadamente e honestamente Landry lhe dizia para seu bem, acabou por sentir tanto despeito que chegou uma vez a imaginar que odiava o objeto de sua afeição. E saiu de casa um domingo, para não passar o dia com o irmão, que,

entretanto, nem uma só vez deixara de visitá-lo em seus dias de folga.

Essa maldade de criança meguem profundamente Landry. Gostava do prazer e das travessuras porque dia a dia ficava mais forte e mais ágil. Era o primeiro em todos os jogos, e mais subtil de corpo e golpe de vista. Era, portanto, um sacrificio que fazia ao irmão, deixar todos os domingos os alegres rapazes da Priche, para passar o dia inteiro na Bessonière, onde nem era bem pensar em convidar Sylvinet para brincar na praça da Cesse, nem em passear de um lado para outro. Sylvinet, que ficara criança de corpo e de espirito muito mais do que o irmão, e que só tinha uma idéa, a de amá-lo unicamente e de ser amado do mesmo modo, queria que fossem juntos visitar "nossos cantos", como elle dizia, isto é, os lugares e esconderijos onde tinham ido distrair-se em brincadeiras que já não eram próprias de sua idade, tais como fazer carrinhos de vime, ou moinhos de beira d'agua, ou alcapão para pegar passarinhos, ou ainda construir casas com pedras, e campos do tamanho de um lenço, que as crianças fingem cultivar de várias maneiras, imitando, em miniatura, o que vêm os lavradores, semeadores, ceifeiros fazendo, e assim se intitulado uns aos outros, numa hora de tempo, fingindo tôdas as culturas e colheitas que a terra recebe e dá no espaço de um ano.

Esses divertimentos já não agradavam a Landry, que agora praticava ou ajudava a praticar essas coisas de verdade, e que preferia guiar um grande carro puxado por seis bois do que amarrar um carrinho de gravetos no rabo de seu cachorro. Teria desejado ir lutar com os rapazes fortes do lugar, jogar, pois se tinha tornado de grande habilidade nesse jôgo, lançando a grande bola num gesto certo, a trinta passos de distancia. Quando Sylvinet consentia em acompanhá-lo, metia-se num canto, em vez de jogar, pronto para se aborrecer e se atormentar se Landry parecia entregar-se à brincadeira com muito prazer e ardor.

E, mais ainda: Landry aprendera a dançar na Priche, e apesar desse gosto lhe ter chegado tarde, porque Sylvinet nunca o tivera, já dançava tão bem quanto aqueles que tinham começado desde a idade em que aprendiam a andar. Er considerado bom dançarino de "bourrées" (2) na Priche, e, embora não achasse ainda prazer em beijar as raperigas, como é hábito fazer depois de cada dança, ficava contente em beijá-as, porque isso fazia parecer que já não era uma criança; e desejaria até que elas se fizessem um pouco de rogadas, como fazem com os homens. Mas ellas ainda não o faziam;

tôdas as coisas do campo. Tinha prazer em ver bem limpa, gorda, e reluzente a poltranca que levava ao prado, e não podia suportar que o menor trabalho fosse executado sem consciência, nem que uma coisa que podia viver e frutificar fosse abandonada, descuidada e como que despresada entre os presentes de Nosso Senhor. Sylvinet olhava para tudo isso com indiferença, e se espantava de que o irmão tomasse tão a peito coisas que não lhe diziam nada. Desconfiava de tudo, e dizia a Landry:

— Estás muito entusiasmado com êsses bois enormes; nem penses mais em nossos pequenos tourinhos, que são tão espertos, e que, no entanto, eram tão mansos e tão pacientes para nós dois, que se deixavam atrelar por ti mais facilmente do que por nosso pai. Tu nem sequer me pediste notícias de nossa vaca, que dá um leite tão bom, e que olha para mim com ar tão triste, pobre bichinha, quando lhe levo comida, como se compreendesse que eu estou sozinho, e que se me perguntar onde é que está o outro gêmeo.

— Ela é mesmo um bom animal, dizia Landry; mas olha só para as doze! Não dá de vêr quando se comecem; nunca terás visto tanto leite em tua vida.

— Não se sabe, continuava Sylvinet, mas aposto que nem o leite nem o creme não de ser tão bons quanto os da Moretinha, porque o capim da Bessonière é muito melhor que o daqui.

— Diacho! — dizia Landry — pois eu estou certo de que nosso pai trocaria de bom gosto, se lhe dessem os grandes fenos do pai Gaillaud em lugar de sua junqueira da beira d'água!

— Qual! — exclamava Sylvinet sacudindo os ombros — há na junqueira árvores mais bonitas do que tôdas as desde lado, e quanto ao feno, se êle é raro, em compensação é muito fino, e quando o ceifamos, é como um cheiro de bálsamo que fica pelos caminhos.

Discutiam assim, à tôa, porque Landry bem sabia que não há melhor propriedade do que a que se possui, e Sylvinet, ao desprezar os haveres da Priche, não pensava nem no seu próprio nem no alheio; mas, no fundo de tôdas essas palavras no ar, havia, de um lado, o menino que estava contente de trabalhar e de viver, onde e de que modo fosse, e, do outro, aquêle que não podia compreender que o irmão tivesse, longe d'êle, um só momento de bem estar e de tranquilidade.

Se Landry o levava ao jardim do patrão, e, enquanto conversava com êle, se interrompia para arrancar um galho sêco num enxerto, ou para arrancar uma erva daninha que prejudicava os legumes, Sylvinet se zangava porque êle tinha sempre uma idéia de ordem e de serviço para outrem, em vez de ficar feito êle, à espera ansiosa do menor sôpro

campo, quando têm um desgosto. Landry percebeu logo que era sua mãe, e correu a seu encontro.

— "Ai, ai, meu Deus — dizia ela, soluçando — como essa criança m castiga! Ele acaba me matando, isto é certo.

— Sou eu, minha mãe, quem a afflige tanto? — perguntou Landry, lançando-se-lhe ao pescoco. — Se sou eu, castigue-me, mas não chore. Não sei em que foi que a pode ter zangado, mas peço-lhe perdão assim mesmo.

Nesse momento; a mãe compreendeu que Landry não tinha o coração duro, como ela tantas vezes imaginava. Beijo-o muito, e, sem saber ao certo o que estava dizendo, tão grande era sua afflicção, contou-lhe que se queixava de Sylvinet e não d'ele; que, quanto a ele, algumas vezes não lhe fizera justiça, e agora o reconhecia; mas que Sylvinet parecia estar ficando louco, e que estava inquieta, porque elle partira de madrugada, sem comer nada. O sol começava a descer, e elle não estava de volta. A omeio dia alguém o avistara do lado do rio, e, finalmente, a mãe Barbeau temia que elle se tivesse atirado no rio para morrer.

## VIII

A idéia de que Sylvinet podia ter tido o vontade de se suicidar, passou da cabeça da mãe para a cabeça do filho tão facilmente quanto uma mosca numa teia de aranha, e Landry partiu depressa à procura do irmão. Enquanto corria, ia cheia de angústia, e pensava:

— Talvez que minha mãe tivesse razão outrora quando achava que eu tinha o coração duro. Mas, agora, é preciso que o coração de Sylvinet esteja muito doente, para ser capaz de causar tanta afflicção à nossa pobre mãe e a mim.

Correu de todos os lados sem encontrá-lo, chamando sem que elle respondesse, e perguntando por elle a todo mundo, sem que ninguém lhe desse noticias. Afinal, viu-se à direita do prado da Jonqueira, e meteu-se por elle, pois se lembrou de que havia ali um lugar de que Sylvinet gostava muito. Era um grande recorte que o rio tinha feito nas terras, desenraizando duas ou três árvores, que tinham ficado atravessadas sobre a água, com as raizes para o ar. O pai Barbeau não tinha querido removê-las. Sacrificara-as porque, do modo como tinham caído, retinham ainda as terras, que ficavam presas em grandes

torrões nas raizes, e isso vinha bem a propósito, pois todos os invernos a água fazia grandes estragos na junqueira e lhe comia, cada ano, um pedaço do prado.

Landry aproximou-se do cortado, nome que elle e o irmão tinham o hábito de dar a essa parte da junqueira. Não perdeu tempo de virar até o canto onde ambos tinham construido uma escadinha em montes de grama, encostados nas pedras e nas raizes que lhes faziam um ponto de apóio. Saltou da maior altura possível para chegar mais depressa no fundo do cortado, porque na margem direita do rio havia tanta ramaria e tanta herva mais alta do que elle, que não teria podido ver o irmão, se ali estivesse, senão entrando elle mesmo no meio daquela vegetação.

Lá entrou, portanto, cheio de esasto, porque não lhe saia do pensamento a frase de sua mãe, de que Sylvinet queria dar cabo da vida. Passou e tornou a passar em tôdas as folhagens e bateu o capinzal, chamando Sylvinet e assobiando pelo cachorro que sem dúvida o seguira, porque naquele dia ninguém o vira em casa, assim como seu dogo.

Mas, por mais que chamasse e procurasse, viu-se sózinho no cortado. E, como se tratava de um rapaz que fazia bem feito o que tinha para fazer, e se lembrava de tôdas as circunstâncias, examinou as duas margens para tentar descobrir pegadas ou alguma terra caída. Era uma procura muito triste e embaraçosa, porque havia um mês, aproximadamente, que Landry não tinha visto aquele lugar, e por mais que o conhecesse como à palma de sua mão, era possível que tivesse havido alguma modificação. Tôda a margem direita era coberta de grama, e, da mesma forma, no fundo do cortado, o junco e o bambu tinham crescido tão vigorosamente na areia, que não se podia encontrar um canto liso, do tamanho de um pé, para procurar um vestígio. No entanto, de tanto virar de um lado para outro, Landry encontrou num cantinho a pista do cachorro, e mesmo um lugar de ervas amassadas, como se Finot ou qualquer outro cão de seu tamanho se tivesse deitado, enrolando-se.

Isso lhe deu muito que pensar, e foi examinar ainda a beira d'água. Tinha a impressão de encontrar um rasgão recente, como se alguém o tivesse feito com o pé, ao saltar, ou ao escorregar, e embora a coisa não ficasse esclarecida, porque podia também ser o trabalho de um desses ratos da água, que fucinham, cavam e roe mem semelhantes lugares, ficou tão affto que suas pernas se dobravam e caiu de joelhos, como para pedir a protecção de Deus.

Mas, depois algum tempo, não tendo força nem coragem para con-

# LIVROS

**ARCO DO TRIUNFO: — ERICH MARIA REMARQUE —**  
Erich Maria Remarque é um dos maiores escritores anti-nazistas. Autor do "Nada de novo na frente ocidental", "Náufragos", "Camaradas", esse romancista alemão, inimigo de Hitler, foi um dos que primeiro abordou o assunto que, depois de um certo tempo se mercantilizou. Escrever contra o nazismo, quando ele iniciou seu declínio, representou ganhar dinheiro. Mas à Remarque não cabe essa acusação.

**ARCO DO TRIUNFO** é ainda um livro anti-nazista. Seus personagens se agitam no mundo das perseguições, das fugas, dos campos de concentração. Ravic, o médico, é o homem capaz de todo o amor e todo o ódio. Talvez nele o ódio tenha mais força que o amor, daí manter somente uma esperança: a de vingança do homem que lhe arruinou a vida e que dirigia fria e bárbaramente a liquidação de vidas humanas num campo de concentração.

**ARCO DO TRIUNFO**, um livro editado pela Livraria José Olímpio, em tradução de Wanda Murgel de Castro, está fadado a grande sucesso. Anuncia-se já o filme baseado no Romance, tendo como Rávic, Charles Boyer e como Joan Madou, Ingrid Bergman.

**COMO MEU PAI OS VIA — ELLIOT ROOSEVELT —**  
O filho, do grande democrata Franklin Delano Roosevelt escreveu um livro realmente interessante, narrando as conversas e os encontros com seu pai, antes e durante as conferências entre os "big" para a vitória contra o fascismo. As opiniões daquele que foi uma das maiores figuras da Democracia mundial, são magníficas, principalmente no que se refere às personalidades que estudava, que analisava e procurava compreender.

O livro de Elliot Roosevelt com a atual política reacionária de Truman nos E.E.U.U., foi apontado pelo "Comitê de Atividades Anti-Americanas" e seu autor chamado a depor.

Que melhor elogio?

**A GRANDE CONSPIRAÇÃO — MICHAEL SAYERS e ALBERT E. KAHN —** Este um dos livros mais impressionantes sobre a espionagem e o terror organizado, desenvolvido, mantido pelos bastidores políticos e diplomáticos, pelas políticas dos chamados países "fortes", na sua ambição de dominar os chamados países "fracos". É um livro de leitura aconselhável a todos os que se interessam pela história da Democracia, por todos os que querem conhecer como tem sido difícil, no mundo, manter-se a liberdade de um povo.

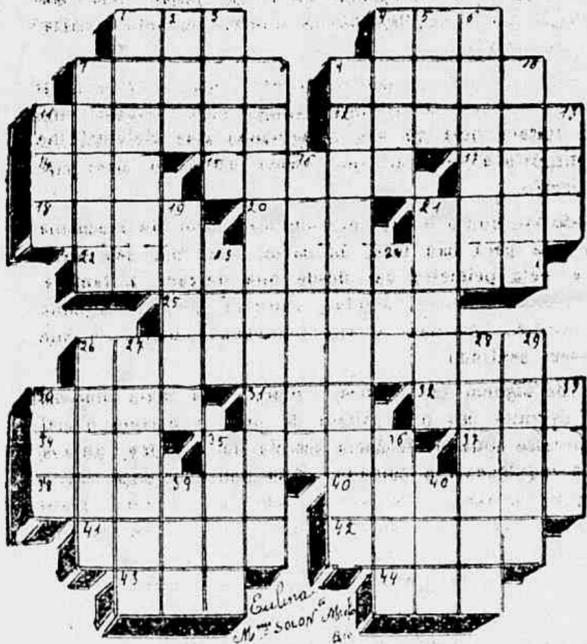
**A GRANDE CONSPIRAÇÃO** é um livro de leitura absorvente e seus autores são internacionalmente conhecidos pelas suas investigações em diplomacia secreta e operações da quinta-coluna.

Repetimos: **A GRANDE CONSPIRAÇÃO** é um livro aconselhável a todos os que hoje em dia querem realmente colaborar em defesa da paz, pois que nele verão como se faz para sabotá-la ou corrompê-la.

## HOTEL GRANJA ITATIAIA (RECEM-INAUGURADO)

780 metros de alt. — Clima ótimo para repouso e week-end. Passeios agradáveis, escalada às Agulhas Negras. Informações: Rua Washington Luiz, 32-2º Fone: 28-4295.

## Palavras Cruzadas



**CHAVES HORIZONTAIS** — Crassulaceas, 43 Grande por-Filtra, 2, Nome próprio ção, 44 Astro diurno, 45 Feminino, 7 Músculo, 9 Mu-CHAVES VERTICAIS — lher que vende alfaias, 11 Divida não paga, 2 Beze, Trambolhões, 12 Revista de 3 Carta-relatório dos suces tropas, 14 Interjeição, cha- sos do ano, 4 Vóraz, 5 Assis- ma a atenção, 15 Cruel, 17 lir, 6 Selvagem, 7 Junlar, Título abissínio, 18 Fiasco, 8 Travessuras, 9 Desertamos 20 Cabeça de gado, 21 Apron- (da fé), 10 Cabo de guerra la sem demora, 22 Vene- anfigo, 11 Taverna, 13 Mem- rável, 25 Valentão, 26 Cabô- bro das aves, 16 Pertencen- formado de rochas elevadas, tes ao rei, 19 Pédios, 21 Mes- 30 Enigmas, 31 Discurso lau- quinho, 23 Antigo; pão, 24 datório, 32 Mundo, 34 Na- Afixo, que termina os adjeti- quele lugar, 35 Desconfiança, vos nunciais cardiais, 26 37 Região lombard, 38 Enche Ramos de árvore, 27 Prior, 28 completamente, 40 Vale mui- Imaginário, 29 Passamento, to aperfado entre os montes, 30 Dificuldade, 33 Avestruz, 4, Cambão a que se atrelam 35 Julgar, 36 Navegas, 39 duas ou mais juntas de bois, Gemido de agonia, 40 Curso 42 Planta da família das de água.

# CINEMA

**Semana pobre de filmes.** Continua no cartaz "Os melhores anos de nossa vida", filme já comentado por nós. Estreou "Querida Suzana", nacional, um dos piores que temos assistido. O diretor Peralisi não soube sequer considerar as qualidades de Anselmo Duarte que tem características de "mocinho". Com um bom diretor e melhor serviço de fotografia e de som, cremos que o jovem artista poderá ainda realizar alguma coisa. Mas o filme desde o enredo até a fotografia é fraquinho de fazer dó. A cena das meninas na bicicleta descendo pela Gávea assobiando é imitação da pior espécie de um filme de Deanne Durbin. As graças são absolutamente "sem". As "meninas" sem nenhum ar meninas. Decididamente o produtor e os atores da "Uma aventura aos quarenta" continuam a ser os únicos que até agora fizeram realmente cinema entre nós. O resto é o que há de muito ruim. Madlene Rosay nem sequer tem o ensejo de brilhar dançando. Silvino Neto a não ser quando imita Getúlio no resto é de amargar. Culpa do diretor, culpa do diretor. Quando é que vamos fazer realmente cinema? Quando? Nosso material humano é bom, mas cadê diretor?

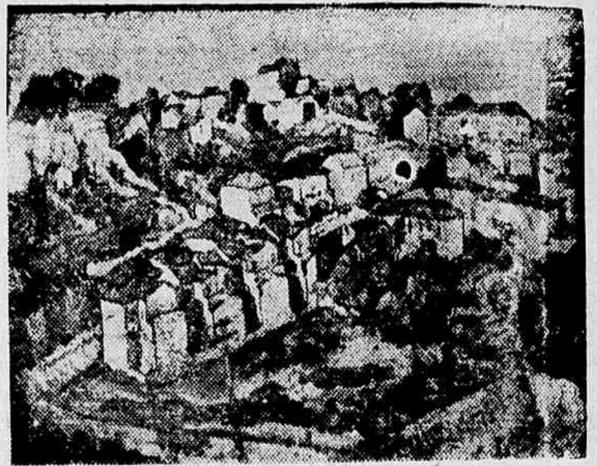
Na falta de filmes a comentar vamos conversar sobre Walt Disney. Estivemos lendo uma revista francesa de cinema e encontramos ali isto: Em 1910 um alsaciano inventou o desenho animado. Morreu pobre e ignorado e foi um desenhista americano chamado Ub Iwerks (Walt Disney) que aperfeiçoou essa técnica. Walt Disney nasceu em Chicago e vendeu jornais em Kansas City dos nove aos dezesseis anos. Passava todo seu tempo livre

no jardim zoológico, adorava os animais e sonhava em possuir um circo. Veio a guerra de 14 e Walt Disney lutou nela. Voltou para a América e começou a trabalhar como desenhista de anúncios numa casa que vendia animais. Ai nasceram touros ameaçadores e vacas bucólicas. Mickey Mouse, (o camondongo Mickey) a criação máxima de Disney apareceu em 1928 e representou a união das suas lembranças passadas com a admiração que seu autor tinha então por Charles Chaplin. No começo nenhum estudio quis saber dos desenhos de Disney, mas um dia ele conseguiu vencer e então o mundo foi inundado por Michéys Mouse (cartões, pesos de papel, fetiches, etc.). Depois surgiu o pato Donald, o Touro Ferdinando, Minnie a ratinha, Pluto, e os filmes de longa metragem: Branca de Neve, Pinoquio, Fantasia, Dumbo, etc. Disney sentiu que precisava ver o mundo e saiu pela América até o Brasil. Voltou com novos tipos: Zé Carioca, "os cavaleiros", etc.

Começou então a lenta agonia de Disney. Mickey desapareceu. Donald vive esporadicamente, o touro Ferdinando morreu. O comercialismo, o dinheiro, a estandartização e o mau gosto estão matando a poesia, o amor, a beleza das produções de Disney. Ele não é mais o admirador de Chaplin nem amigo dos animais. O Walt Disney de hoje é o grande produtor, riquíssimo, anti-sindicalista, anti-negro, um Disney com idéias fascistas.

Que isso é uma pena, uma grande pena, nem há dúvida.

E.M.



Vila Cerqueira Cesar, óleo de J. Mori



## ARTES PLÁSTICAS

### MENINO E PINTOR

Jorge Mori é um menino pintor que veio de São Paulo para expor no Rio a sua numerosa produção artística plástica.

Na Sala do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes, mostrou a sua habilidade de pintor e a sua sensibilidade de um artista ainda em processo. O aluno do pintor Takaoka revelou bem a sua capacidade para captar os ensinamentos do professor. Mesmo sem saber essa particularidade, qualquer observador atento, poderia ver logo a presença do mestre que é um artista por todos nós, pintores ou críticos de arte, apreciando em suas qualidades essenciais. O menino Mori tem as mesmas características do professor — está em formação uma rica virtuosidade plástica. Já em princípio, como quem termina o curso primário, tais manifestações estão bem evidentes.

O menino, pintando, parece um erudito, como o é, seu professor.

Lá estão traços dominantes na Escola de Paris, as memórias de um conjunto carioca que foi o "Núcleo Bernardelli", a convivência em São Paulo com os artistas da capital bandeirante e, enfim, a famosa "japoneserie" que foi também grande influência na pintura mundial. É por tudo isso, pela riqueza de referências, que a pintura de Mori atrai e consegue conquistar a estupefação do público que visita suas exposições. O melhor elogio a Mori é o elogio de Takaoka, porque esse menino se apoderando de maneira tão eloquente de um "métier" rico de experiências, tende para uma libertação futura e consequentemente encontro de sua personalidade.

O público em geral, não vai saber de nada disso, e o sucesso de Mori-pintor está se acumulando para assegurar depois a posição de Mori-artista.

Recomendamos às nossas leitoras que adquiram o hábito de visitar as exposições de pintura que são sempre frequentadas ao público. Experimentem um pouco a convicção da arte porque a arte é vida e em seu espelho muitas vezes podemos compreender melhor as tragédias humanas e assim, ficaremos mais amparadas para as nossas lutas. Gostaríamos que tivessem oportunidade de assistir a exposição do menino-prodígio. Quantas vezes nos rebelamos diante de uma feia deformação. A deformação tem mesmo essa finalidade — gritar mais alto aos nossos sentidos. E sempre contém uma realidade feia. E na contemplação dessas verdades, muitas vezes ocultadas aos nossos olhos pelo dinamismo da vida, que nos certificamos de nossa obrigação, de nosso dever. No prado parado, imutável, documento de características vivas é que muitas vezes percebemos aquilo que nos escapa em face da vida.

O mundo precisa da arte, como da literatura, da ciência ou da técnica. A condição humana também se funda nos mensageiros gritantes ou serenos que os artistas criam ao povo.

STEFIA

## ★ ★ RADIO ★ ★ PAPAI GRANDE EDMAR MACHADO

"Papai Grande" é gíria. E se eu fosse traduzi-la teria que encher todas as folhas deste jornal. Seria difícil. E por isso mesmo o povo criou essa gíria: para facilitar. Foi uma grande idéia. Quando a gente quer definir uma pessoa excepcional e quer falar o que existe de melhor sobre seu coração, caráter, qualidades ímpares, visão de fraternidade e amor ao próximo, envez de encher páginas e páginas sobre isso diz logo — "papai grande" — e pronto! Disse tudo. Disse inclusive que a pessoa é a maior de todas.

Edmar Machado, diretor da rádio Mayrink Veiga é o "papai grande". Notem que ele não é papai grande. É o "papai grande". E nesta seção, dedicada ao pessoal de rádio, eu vou contar justamente por quê.

Edmar Machado é quem mais trabalha dentro da Mayrink Veiga. O operador que chega mais cedo para por a estação no ar já encontra lá seu Edmar, sempre de terno branco e, se chove ou faz frio, o terno branco acrescentado de um pull-over. E todos os outros que vão chegando depois vêm seu Edmar em mangas de camisa, as mangas arregaçadas, com frio ou não, trabalhando. Sempre sabe de tudo que acontece na rádio e entra diretamente em todos os serviços. Eu — sua funcionária durante três anos — o vi assistindo ensaios e localizando melhor a orquestra com ouvido apurado; controlando irradiações de futebol com 30 telefones sobre a mesa, numa atividade incrível; empurrando caixotes e batendo pregos; comprando papéis e ferramentas na rua Larga, (em mangas de camisa); respondendo, organizando, fazendo a contabilidade da rádio, pagando ordenados, dando vales (ah, os vales da minha infância querida, etc., etc.); criando programas; orientando melhor os existentes; enfim, fazendo tudo o que se faz dentro de uma estação de rádio. Já chegou até a ir para o microfone uma vez, nas primeiras horas da manhã, quando um locutor faltou repentinamente. E era boa a voz, embora os anúncios saíssem assim, com um tom de ordem. E isso tudo é de segunda a segunda de todo ano contando domingos, feriados, Carnaval,

tudo! E quando você ouve no rádio o "tenho orgulho de ser mayrinkiano!" — encerrando a irradiação da Mayrink, pode ter certeza que seu Edmar começa a arrumar isto e aquilo, guardar papéis, fechar gavetas, per o casaco — e é o último a sair. Ele é, ao vivo, o velho lema — a sua P.R.A. e não desceansa.

Mas Edmar é "papai grande" por coisas diferentes. A família mayrinkiana e aqueles que um dia pertenceram a ela — todos contam, infalivelmente, com Edmar Machado. Ao seu lado ninguém sofre. Boa parte do rádio carioca (estou com orgulho nessa parte) muito deve a Edmar Machado. Ele ouve os "casos", estuda os problemas, presta atenção às histórias, atende a todas as "complicações" pessoais sejam elas espirituais ou materiais. Atende e resolve primeiramente. Se um marido mayrinkiano começa a sair da linha, lá vai a esposa e seu Edmar chama às "falas" e à razão o transviado. Se a "mamãe" está em dificuldade financeira para esperar o novo mayrinkiano, a calzinha verde que caiu sobre a mesa de seu Edmar resolve a questão. E só se fala em pagamento (com juros ao contrário, paga-se menos do que se deve) quando se pode, seja lá quando for. Se alguém está doente e, bohemio, não exida de médicos nem de remédios — é seu Edmar que o põe à força dentro do seu automóvel e o leva ao médico, à farmácia, ao hospital e só o solta quando. Dizem que só uma vez não conseguiu seu intento — quando tentou fazer recolocar uma dentê numa figura de rádio que tem precisa dele, dentê. Mas não é verdade. Essa figura é das que mais devem a seu Edmar e a qualquer momento ele consegue.

"Papai Grande" Edmar Machado. Pai experiente de toda família mayrinkiana há muito que a mantém unida, conservando "isto é P.R.A." no conceito e no coração do povo. E queira ou não a ciumenta trupe da Mayrink, pai de muita gente que anda por aí de prô e mudado...

A óe, ao sempre "papai grande" Edmar Machado nosso profundo respeito, sincera admiração e afeto.

Respeito por aquele "ar" eterno e vangado, por aquela "fúria" energia que, sem conseguir, tenta esconder sua bondade maior que o Amazonas...

SAGRAMOR



As mulheres que voltaram dos campos de concentração. — (Foto do S. E. I.)

O PROGRESSO SOCIAL E INSTAURAR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA NUMA LIBERDADE MAIOR. ... UNIR SUAS FORÇAS PARA MANTER A PAZ E A SEGURANÇA INTERNACIONAIS... RECORRER AS INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS PARA FAVORECER O PROGRESSO ECONÔMICO E SOCIAL DE TODOS OS POVOS».

A Carta do Atlântico assegura que os países unidos preservarão as gerações futuras de futuras guerras.

E o espectro da guerra novamente se apresenta, dois anos depois da Carta do Atlântico.

NÃO QUEREMOS A GUERRA! QUEREMOS A PAZ! O apêlo das mulheres tem de ser ouvido. Não queremos perder nossos filhos, nossos maridos, nossos noivos. Queremos construir! Queremos nossos lares para essa construção!

QUEREMOS A PAZ! E nenhuma força

# Em defesa da Paz

DE todas as partes do mundo e em todas as línguas vozes se erguem uníssonas: QUEREMOS PAZ! E essas vozes se unificam numa só, para o grito angustioso: QUEREMOS PAZ!

São as mulheres que viram seus lares invadidos pelos bárbaros, que viram o assassinato frio de suas crianças, seus fogões emudecidos; são as mulheres que perderam com a guerra, a mocidade de seus rostos, a alegria de seus olhos. São as mulheres emagrecidas pela falta de alimentos, as mulheres entristecidas por tanta mágoa. Ontem nós fizemos a guerra porque tínhamos a convicção que esmagar o inimigo número um da humanidade — o fascismo — seria construir a paz. Não aquela paz que depois de 1914-1918 nos foi prometida e nunca foi realizada. O mundo mudara. A geração que sucedeu à da primeira grande guerra foi educada olhando para traz. Aprendeu a odiar e a reconhecer seus inimigos. Geração que viu nos olhos dos mais velhos o cansaço, a dor, a desgraça de dias passados. Essa geração que teve a herança de uma mortandade, foi chamada a tomar parte ativa na segunda grande guerra. No espaço entre uma e outra catástrofe, quantas coisas sucederam, quantos povos aviltados, quantos lares desfeitos, quantos crimes cometidos.

Somos daquela geração que mal abriu os olhos e mal entendeu as primeiras palavras ouviu falar: «As criancinhas da Espanha estão morrendo», «na Alemanha as criancinhas deixam de ser ingênuas e boas para serem jogadas nos batalhões «patrióticos»; «há criancinhas que são proibidas de nascer na Alemanha nazista». «As criancinhas da Polônia são trucidadas». E' o drama doloroso e constante das criancinhas. Assim cresceu a geração que fez a guerra contra o fascismo.

A mulher cujo destino é ser mãe, ela que em tudo põe muito de maternidade, a mulher que foi escravizada e oprimida, levantou-se afinal. Não mais queria ouvir a história dolorosa das criancinhas que morrem. O fascismo é a escravidão, ela ou soube mesmo antes de Hitler agitar os três K. Ela estava nas oficinas, nos escritórios, no trabalho. E aprendera que o destino do mundo é também o seu destino.

Foi maquis. Foi partigiani. Fez a guerra ombro a ombro com o homem. Foi lutadora de primeira frente e lutadora de retaguarda. Suas mãos leves não bastaram apenas para curar feridas: construíram trincheiras, pilotaram aviões, descerregaram sobre o inimigo metralhadoras.

A guerra terminou. O preâmbulo da Carta das Nações Unidas assinada por 49 países em junho de 1945, diz:

«PRESERVAR AS GERAÇÕES FUTURAS DO AÇOITE DA GUERRA... PROCLAMAR SUA FE' NOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DA PESSOA HUMANA. NA IGUALDADE DE DIREITOS DOS HOMENS E DAS MULHERES ASSIM COMO DAS NAÇÕES GRANDES E PEQUENAS... FAVORECER

humana, poderá evitar o grito de nossos corações: QUEREMOS A PAZ!

Mas para querê-la realmente, um papel nos está reservado: o de união, o de fraternidade, o de compreensão. Unamo-nos; que nossas mãos se entrelacem hoje, como ontem o fizeram na guerra. Não importa a que partido, a que seita, a que religião pertencamos. O que importa é salvar nossos filhos! O que importa é salvar nossos lares! Vamos unir-nos, vamos entrelaçar nossas mãos, para que nosso grito seja uma força: Queremos a Paz!



Mãe e filho, vítimas da guerra. — (Foto do S. E. I.)